

ASSIGNATURAS  
 ANNO..... 20\$000  
 SEMESTRE..... 12\$000  
 Numero avulso. 500 rs.

# OS ANNAES

Escritorio e Officinas  
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

*O futuro ministerio do sr. Affonso Penna. — A concha do mysterio. — As coisas perigosas que se preparam para o proximo governo.*

Durante a sua viagem de instrucção pelos Estados, o sr. Affonso Penna não pensou na organização do seu ministerio; foi isso, pelo menos, o que affirmou categoricamente, numa phrase lapidar, aos jornalistas da comitiva presidencial, ávida de surprehender-lhe os intimos propositos. S. ex., mantendo sobre esse gravissimo assumpto a mais absoluta reserva, foi impermeavel, como si dissesse dependesse o exito do seu despontar de sol na rutila trajectoria dos vindouros quatro annos.

Alguma coisa de ornamental ha nesse empenho de manter a anciedade dos benemeritos cidadãos que se insinuaram, por si ou por outrem, á suprema confiança; a esperanza daquelles que pretendem, silenciosamente, apparentando pudores de sultana enleuada não imminencia do lenço; dos que, com uma semcerimonia desprendida, solicitaram francamente a honrosa investidura. Chega a ser theatral o fremito de impaciencia que precede ás grandes exhibições, a perspectiva das decepções, do desapontamento, das desillusões, preparando o gozo excepcional do formidavel golpe da surpresa encenado por s. ex., como artista emerito, com tamanhas precauções que a gente chega involuntariamente a comparar essa preocupação de mysterio com asmeticulosas cautelas com que se preside ao arranjo de «trucs» carnavalescos.

Dir-se-á que o segredo é alma dos negocios, mas na hypothese da escolha de cidadãos para formarem a familia governamental, não occorre a necessidade de capas encoiradas, para evitar intervenções difficeis, manobras das ambições partidarias, ou as imposições do «blóco». A escolha dos secretarios de Estado é uma prerogativa do futuro Presidente, inteiramente livre, e da qual sómente deve contas á sua consciencia, uma vez que perante a nação é o unico responsavel pelos actos da politica e da administração.

Não haveria inconveniente na indicação dos ministros, dos auxiliares da execução do plano do governo; seria até de grande utilidade que elles se reunissem em torno do Presidente e fôsem, com antecedencia, collaborando nas medidas iniciais do que, por via de regra, depende o successo de todas as empresas humanas.

Occorre a circumstancia importantissima de

estar o Congresso preparando o orçamento para o governo do sr. Affonso Penna, que, por isso, deveria intervir nelle para accomodal-o ao seu pensamento, ao seu plano, das idéas ligeiramente esboçadas no manifesto á nação.

A Camara está, entre outras coisas perigosas, fazendo uma refôrma de tarifas, inspirada por um proteccionismo ignorante, injustificavel, cujos efeitos serão augmentar o preço de generos de primeira necessidade que não produzimos ainda, para satisfazer o consumo.

O augmento das taxas sobre a importação da manteiga estrangeira já elevou os preços da manteiga mineira em proporções assustadoras, comparado com o da manteiga franceza, que, por sua vez, virá, dentro em breve, a valer mais. Lucram com isso os productores indigenas, lucram os creadores de vaccas mineiras, mas perde o Thezouro Nacional, cuja renda soffrerá fatalmente grande depressão; perdem os consumidores, que serão forçados a consumir menos ou a se subordinarem aos productos da industria de falsificação, ás varias modificações da margarina já tão propagada nos mercados brasileiros. Consumiremos por alto preço manteiga que não é manteiga, banha feita com os detricitos venenosos de gorduras infectas e da mesma fórma, todos os generos que fôrem apanhados pelas garras desse proteccionismo «sui generis», destinado a fomentar ou favorecer industrias que não passam ainda de tentativas muito vacillantes e muito mal orientadas.

Ora, o sr. Affonso Penna por ser mineiro, tem visão bastante clara para perceber os absurdos que se estão engendrando, absurdos que poderão ser evitados para não crearem graves difficuldades ao seu governo.

Tem-se demonstrado, á sociedade, a inconveniencia desse proteccionismo de campanario em prejuizo dos grandes interesses nacionaes; tem-se escripto demonstrações luminosas do risco desse plano financeiro, mas os nossos preciosos estadistas são irreductiveis, adquirem amor ás suas idéas, fazem dellas questão de melindre pessoal, consideram-se infalliveis e arrastam adhesões sem convicção, movidas por solidariedades partidarias, que, quasi sempre, não representam a verdade nem os idéas e as aspirações da grande maioria do pensamento nacional, mas o empenho de manter, entre os seus dilectos matutos, uma popularidade esteril.

Outro negocio importante se vae arrastando esmorecido pelo Congresso—o Convenio de Taubaté,

que já passou, não se sabe bem porque, para a legislação nacional, e a pobre Caixa de Conversão, destinados ambos para a valorisação do café e a fixação do cambio.

Essas duas questões que figuravam pedras fundamentaes do programma do futuro governo, já não conseguem despertar o interesse inherente a questões de suprema gravidade. O debate sobre ellas perdeu o calor na defeza e na impugnação, como si os combatentes estivessem convencidos de terçar armas em torno de duas chimeras, de dois projectos condemnados «ab ovo», inviáveis por lhes faltar o nervo do dinheiro, que é o motor essencial de taes refórmas.

Já se sabe que os nossos amáveis banqueiros, os argentarios que tem servido de placenta ao Thezouro Nacional em seus frequentes apertos, vetaram o Convenio de Taubaté; vetaram-no definitivamente com o prestigio de arbitros da finança brazileira, tornando assim inverosimil o myrífico emprestimo de quinze milhões destinados aos ingredientes da operação chimica para augmentar o preço do café. Perdida a esperança desse emprestimo, como fazem crer as probabilidades mais seguras, a famosa Caixa de Conversão irá aguas a baixo, ficará, quando muito, como generosa aspiração, cheia de boas intenções desilludidas, entre o papelorio de leis feitas para não serem cumpridas ou morrerem como productos teratologicos, sem condições de estabilidade.

El ninguem sabe, ao certo, graças á impermeabilidade do revestimento de mysterio a esconder as opiniões do futuro Presidente, a opinião de s. ex. sobre essa importantissima questão, que parece destinada a ficar sob a immensa pedra do «blóco».

Entretanto, todo o mundo está de accordo na necessidade de fazer alguma coisa em favor da lavoura, em beneficio do café, cuja depreciação se aggravou com o Convenio de Taubaté. Falta sómente um accordo razoavel para se orientarem as diversas opiniões para um resultado util, desorientação aggravada pela situação de incerteza ácerca das vistas do futuro governo, da opinião dos seus collaboradores, ainda escondidos na concha do mysterio.

Grande somma de interesses essenciaes está soffrendo com essa incerteza, está pedindo, com altos brados de impaciencia legitima, que se defina a futura situação antes do alvorecer do novo sol, ainda, como diria um nosso orador politico, immerso nas brumas do Oriente...

Para solidificar a sua legitima fama de discreção, s. ex. já fez muito, pôde-se dizer que já fez de mais; ninguem ouzará contestal-a depois de resistir s. ex. aos insistentes, aos frequentes vomitorios propinados pelos jornalistas companheiros da edificante viagem pelas capitánias do norte e do sul.

POJUCAN.

#### Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

#### XXXIV

Os trabalhos legislativos progrediam. Tratou-se de alguns projectos de insignificantes interesses locais; approvaram-se algumas disposições do regimento, alguns pareceres de diversas commissões e materias de méro expediente. A mór parte do mez de outubro a Constituinte consagrou a discutir os artigos do projecto de Constituição. Falou-se largamente da liberdade religiosa, do direito e inviolabilidade da pessoa do cidadão, da prisão sem culpa formada, da faculdade de sair para fóra do paiz e de outros assumptos constitucionaes. Discutiui-se tambem a criação das universidades no meio duma irreconciliavel divergencia de opiniões.

Com effeito, nunca aproveitou a Constituinte o tempo com materia realmente util, como neste ultimo mez de sua existencia.

No tocante á liberdade religiosa, quasi todos os oradores a adoptaram, excepto Silva Lisbôa, que a combateu com vehemencia, qualificando-a de liberdade da *apostasia*.

O mesmo deputado impugnou o artigo referente ao direito do cidadão sair, ou retirar-se para fóra do paiz. Ouçamol-o em certos topicos mais significativos das suas habituaes e magistraes dissertações: «Voto, fala Silva Lisbôa, pela suppressão da ultima linha do artigo por conter uma indefinida liberdade pessoal de sair qualquer cidadão do Estado, porque até agóra não se tem admittido em nação nenhuma...

Sem duvida, tem havido até agóra, ainda nos mais cultos Estados da Europa, o demasiado e talvez o tyrannico rigor nos regulamentos contra a emigração que tem causado a accumulção forçada de subditos que o Estado não pôde manter, havendo por isso dahi resultado extrema indigencia, miseria e desordem dos povos.

Porém não menos certo que o pacto social — é contracto *synallagmatico*, em que o Governo se obriga á protecção do subdito e este se obriga á obediencia e á subordinação. E' portanto injusta e inadmissivel a absoluta

liberdade da pessoa de cada cidadão, que aliás se deve conformar ás leis estabelecidas, de sair do Estado, quando lhe convenha, contravindo as mesmas leis, deixando de prestar os serviços e a responsabilidade que tem o direito de exigir. Tal liberdade contém o arbitrio e o absurdo de converter-se o contracto *bilateral em unilateral*, de sorte que o Governo não pôde nunca deixar de dar protecção ao subdito, mas este pôde, quando quizer, subtraír-se á devida obediencia e talvez na occasião em que mais sejam necesarios os seus serviços, subterfugindo ás obrigações publicas e particulares contraídas e ás penas em que tenha incorrido.»

.....

Silva Lisbôa pensa que, ás vezes, um Estado corre perigo em deixar sair do paiz um cidadão de grande importancia e, no seu gosto e habito de dissertar como erudito, continúa desta sorte: «Lembra-me aqui o graude documento do mestre da orthodoxa moral — Socrates — o qual ainda que injustamente condemnado,

sem mais culpa do que o ter ensinado o dogma da unidade de Deus contra o erro do polytheismo, achando-se prezo e proximo a beber a cicuta, não obstante os amigos e o proprio carcereiro lhe facilitarem a fugida, elle recusou, dizendo «que não faltaria ao que devia ás leis da patria, visto que, sendo tão liberaes, que permittiam a todo o cidadão que nada devesse por contracto ou delicto, saír de Athenas quando quizesse, elle nunca passára além do Pyreo e nada teria para se escuzar si na sua fugida a patria lhe saísse ao encontro, lançando-lhe em rosto todo o bem que até então lhe havia feito, dando elle o pessimo exemplo aos seus concidadãos de se evadir á execução do juiz publico.»

Silva Lisbôa discorre a respeito da prisão por divida; cita e commenta o principio do direito romano: *qui non habet indere tuat in corpore*.

Conclúe, lembrando as legislações que prohibem a saída dos cidadãos para fóra do paiz.

Tomaram parte neste debate, Henriques de Rezende, Carneiro, Carneiro de Campos, Carvalho e Mello, que sustentou dever permittir-se ao cidadão saír do paiz com seus cabedaes sem exigir licença especial por isso; sujeitando-se, porém, aos regulamentos policiaes, etc.

Intervieram ainda no certamen os deputados Galvão e outros. A discussão desta disposição do artigo da Constituição foi longa, e, algumas vezes, substancial.

Outra materia que provocou grande e prolongada contenda, foi o juizo por jurados em causas civeis e criminaes. Entre os oradores, notou-se o marechal Arrouche Rendon, deputado paulista, opinando pela approvação do artigo, porque a sua materia contém doutrina necessaria para um governo constitucional propor emenda, contra a qual falaram Ferreira da França, Antonio Carlos; mas Arrouche Rendon defendeu a sua emenda, desenvolvendo uma série de argumentos.

Tomou a palavra o *magister* em todas as questões judiciais. Silva Lisbôa começou propondo a supressão do art. 12, que se está discutindo, por lhe parecer que só pôde ser objecto de lei regulamentar, em oppor-

tuno tempo, quando se tiver a refôrma do codigo criminal e civil e pelo progresso de liberal educação do povo e este se mostrar com superior e mais geral moralidade e intelligencia, afim de exercer o juizo dos jurados, tendo a confiança de seus concidadãos para ser entregue á sua consciencia a decisão de seus direitos e interesses.

Silva Lisbôa nota que os auctores do projecto reconheceram a difficuldade da instituição dos jurados no Brazil quanto ás causas civeis e pergunta porque então ingeriu tal artigo na Constituição. Faz diversas considerações; por exemplo: «Montesquieu, aliás tão judicioso, elogiando a constituição ingleza, que admittiu a instituição de jurados, com epigramma diz: «*que ella veio do matto da antiga Allemanha*, fundando-se em uma passagem de Tacito em uma de suas obras, *de moribus Germanum*. Porém, de facto, entre as nações modernas, só depois da Revolução Franceza, se tentou introduzir em outros paizes que tem adoptado o systema de governo mixto por imitação da Inglaterra.

Silva Lisbôa discorre sobre a disseminação da instrucção na Inglaterra, onde circulam innumerous periodicos, que se vendem por milhares; assim as classes médias adquirem sagacidade necessaria a julgar sem precipitação, com justiça, á vista do exame dos factos. Sem duvida, não estamos nestas circumstancias e corre-se todo risco de julgar da vida e morte, da honra e da liberdade pelas primeiras impressões e boatos do povo.

Silva Lisbôa conta varios casos de julgamento por jurados, até na propria Inglaterra, para mostrar que, si lá se commettem erros e injustiças, peor succederá no Brazil, que não está preparado para exercer o juizo por jurados.

Notámos mais acima que Silva Lisbôa falou do epigramma com que Montesquieu se expressou a respeito do juizo dos jurados. Silva Lisbôa frequentemente recorre á auctoridade do presidente do tribunal de Bordeaux, auctor do *Esprit des lois*, em certos assumptos; em outros, não. Ora parece que Montesquieu *não é bem comprehendido*; isto nos força a dizer aqui como elle é julgado pelos criticos abalisados e competentes. Será uma

digressão, mas util para esclarecer o assumpto.

Releva que declaremos que não faremos sinão reproduzir o que temos lido. Montesquieu e outros notaveis escriptores teem dado azo a uma série de estudos; é quasi impossivel dizer coisa nova ácerca delle, de Voltaire, de Rousseau, de Bacon, de Bentham, de Burke, etc., etc.

O *Esprit des lois* publicou-se em 1748. Dizem que nelle está inteiro Montesquieu, todos os seus conhecimentos, todas as suas idéas historicas, economicas e politicas, religiosas e sociaes. O *Esprit des lois* é para Montesquieu o que os *Essais* são para Montaigne.

Montesquieu estuda o homem social e a mechanica legislativa.

Montesquieu serviu-se para o *Esprit des lois* de todos os estudos parciaes que havia feito, e este processo mostra-nos a causa de suas incoherencias. Elle não tem o talento da composição dum livro. Lança-se como que de um salto sobre a idéa, após doutra, sem reter a primeira. Sua reflexão não é um acto continuo, é uma série de actos descriminados, cada um dos quaes começa e determina um esforço. Dahi a divisão da obra; esse fraccionamento produz extrema confusão. Nunca elle soube coordenar e organizar um livro.

Esta carencia de ordem na composição é o signal de falta de unidade na concepção. Montesquieu é um espirito activo, vasto, enriquecido, mas tambem modificado, que descobriu pontos de vista novos, mudou de orientação: — sua vida intellectual comprehende muitos periodos distinctos. Cada um desses periodos deixou seu deposito no *Esprit des lois*: pensamentos hecterogeneos, que pertencem a estados de espirito inconciliaveis e fórmam camadas superpostas, ás vezes penetram-se, concatenam-se, amalgam-se completamente. Dahi vem a difficuldade que se experimenta sempre em abranger em uma vista geral o *Esprit des lois*. E' um livro impossivel de dominar e que provoca quasi sempre a critica a transviar-se em minucias para acompanhar o auctor, que é, ás vezes, incomprehensivel... O seu habito de pensar por epigrammas, ou por sentenças, parece de sua natureza.

Dahi vem o seu *estyló luxuriante*, que Buffon tanto reprovava; dahi as comparações engenhosas, as sortidas imprevistas, que induziam Maddu Deffand dizer que o *Esprit des lois* *était de l'esprit sur les lois*.

Montesquieu, continúa o critico, será sempre o jurista. E nós, que escrevemos, diremos que é por isso que Silva Lisbôa o cita a todo momento: é o caso — poetas por poetas sejam lidos: poetas por poetas entendidos.

«L'Esprit des lois sont une œuvre rigoureusement technique de erudition juridique: nous quittons ici tout à fait le point de vue politique et philosophique et nous n'avons plus devant nous qu'un professeur de droit...

L'idée chère à Montesquieu est que de la construction de la machine législative dépend la destinée des peuples et qu'un rouage ôté, ou placé à propos sauve, ou perd tout. Il se persuade que les institutions artificielles sont aussi efficaces que les combinaisons naturelles, et qu'une loi bien trouvée peut suspendre, ou détruire les fatalités historiques. Il arrive enfin à ce qui est le fond et la chimère de l'Esprit des lois, etc.»

Citamos de proposito o juizo da critica scientifica a respeito de Montesquieu para dissipar essa especie de superstição que Silva Lisbôa, a todo trance, intenta incutir no espirito publico. E' provavel que no seu tempo a critica ainda não tivesse descripto, na obra de Montesquieu, o *joio do trigo*. Silva Lisbôa não dá um passo sem apoiar-se em citações, principalmente do auctor do *Esprit des lois*. Parece que estava nas praticas do tempo — o *magister dixit*.

Silva Lisbôa, no correr de sua erudita dissertação, contou alguns casos para mostrar o perigo do julgamento por jurados. «Andando em correcção, diz Silva Lisbôa, o celebrado juiz lord Mausfield, foi accusada pelos camponeses, perante elle, uma miseravel velha, a qual com o pezo dos annos era corcunda (como eu) arguindo-a de feiticeira, jurando que a viram andar com os pés para cima e a cabeça para baixo. Aquelle ministro, vendo a bruteza dos accusadores e o perigo da condemnação, dando ares de importancia ao caso, não teve outro meio de salvar a accusada, sinão assim

falando aos jurados: — Esta mulher, vós e eu, temos a honra de ser membros duma nação livre; e, portanto, temos o direito de não sermos julgados sinão por alguma lei preexistente; mas, eu, que, ha tantos annos, estudo as leis da terra, ainda não achei alguma que prohiba andar com a cabeça para baixo e os pés para cima; portanto, todos teem esta liberdade, e deve a accusada ser absolvida, no que os jurados concordaram.»

Dissertando desta guiza, o profundo jurisconsulto visconde do Cayrú profligou a instituição dos jurados e votou contra o artigo do projecto e foi o *unico* deste voto.

EUNAPIO DEIRÓ.

## O UIRAPURU' (2)

### NOVELLA PARAENSE

POR

DOMINGOS OLYMPIO

III

Restituído á querida casa, toda rescedente do suave cheiro de jasmims, á saudosa Severa, que lhe abraçou, chorando de ternura, os joelhos, fazendo mil perguntas soffregas sobre os accidentes, os incommodos da viagem; depois de visitar os viveiros de passaros, os poleiros de xerimbabos, a canzoada, que recebeu com freneticos latidos de alegria os companheiros viajantes; depois de ter percorrido todos os compartimentos da vivenda com a impaciencia de quem torna a ver amigos velhos, Placido estirou-se numa rêde alva e macia, accendeu absorto um cigarro e, pela primeira vez na sua existencia, embeben-se em fundo scismar, de que o despertaram os afagos da *negrinha*, lambendo-lhe os pés, as mãos, ganindo e girando em torno d'elle, aos saltos em contorsões epilepticas de um jubilo ruidoso.

— Ora bolas! — exclamou Placido, no tom resolutivo de quem se liberta de uma idéa importuna — Isto passará. Era o que me faltava — accrescentava com amarga ironia — Metter-se-me essa preocupação na cabeça. Nem que eu estivesse maluco, doido varrido.

Pela primeira vez, fugiu-lhe o somno, andou a mudar de posição na rêde cheirosa a periperiôca e a rosas seccas; ouviu darem todas as horas na grande pendula sonora que ornava a sala de jantar; impacientou-se com os nivos melancolicos dos cães frio-

rentos, da *negrinha*, que deu para latir impaciente, nervosa, como si, ferejasse o importuno pensamento que agitava o cerebro do amo querido. Os primeiros raios do sol, cado através das venezianas da varanda, o restituiram á posse de si mesmo, clareando a situação inquieta que o agitava, turbando-lhe a doce calma.

Severa notou-lhe os olhos pisados, as faces descoradas, sem aquella frescura sadia de flôr viçosa, o corpo recurvado e bambo de fadiga, mas attribuiu isso ao abalo da viagem, ao facto de ter extranhado a casa como sóe acontecer depois de prolongada ausencia. O banho frio bastaria para dissipar aquellas tristes sombras de mal estar.

A's oito horas da manhã desse dia, que era um domingo, Placido parecia outro, volverá á calma habitual, mas, em vez do terno de brim, trajava calça de casemira clara, um elegante fraque de sarja azul e chapéo alto, que só usava nos enterros e grandes solemnidades. Não esqueceu de pôr no pequeno bolso exterior da cintura um par de luvas novas e de salpicar algumas gottas de subtil essencia no lenço. Tal foi o esmero do seu traje nesse dia que Severa lhe perguntou si ia visitar o presidente da provincia, cuja recente chegada lhe fôra annunciada por uma salva dos canhões antiquados da fortaleza da Barra.

— Nada disso — responderam-lhe Placido, endireitando a gravata e lançando um derradeiro olhar de inspecção minuciosa ao espelho — Vou visitar uma familia, minha companheira de viagem. E' uma grande estopada; mas, que fazer? A minha posição na sociedade, a cortezia teem dessas exigencias.

Quando elle partiu com certo apuro de attitudes, marchando erecto e firme, como quem se estica dentro de um facto novo, Severa, de mãos firmadas nas gordas nadegas, acompanhou-o com o olhar até sumir-se por traz dos esteios de acapú da proxima esquina, e, meneiando tristemente a bella cabeça coroada de fofos cabellos crespos, prateados, cheirando a um mixto de perfumes de baunilha, periperiôca e pixurim, murmurou:

— Eh! minha gente... alli ha coisa, ha novidade. *Nhô* Placido pensa enganar a sua mulata. Deus Nosso Senhor te acompanhe, meu filho; Nossa Senhora de Nazareth te guie...

E com um longo suspiro recolheu á rocinha, fechando a cancella de ferro.

## IV

Um mez depois, Placido communicou aos parceiros do sólo que estava amarrado: tinha pedido Affonsina.

— Foi mais facil do que eu suppunha — disse elle, arranjando as cartas

em leque — Andei durante uma semana embatucado, aguardando o momento azado. Tratavam-me com tamanho carinho, com tão sincera cordialidade, que a minha resolução se me figura importuna, arriscada, um abuso da confiança. E o golpe engatilhado foi frequentes vezes adiado. D. Amelia, tanto que eu chegava, tomava conta de mim com amabilidade captivante: era um quitute, um calice de vinho do Porto, um bolo especial feito por ella ou pela filha, mil offerecimentos e cuidados entrelaçados com a chronica domestica, o ronceirismo dos creados, o absurdo preço do engommado, da carne, das verduras e até das bananas para o papagaio, fructas que ella, no engenho, tinha de graça, a deitar fóra. Vinha depois a nota das visitas, a solicitude do Guimarães, o correspondente portuguez que adivinhava os pensamentos. Contava as aventuras da compra dos vestidos, as impressões de um passeio a boude nos arrabaldes até a igreja de Nazareth, onde fóram cumprir uma promessa, as peregrinações pelas bellas lojas de joias, a compra do sumptuoso chapéu de grandes plumas crespas, das luvas, das botinas mimosas, de um rôr de saias vaporosas, rugidoras e outras ninharias exigidas pela Affonsina para encobrir, como ella dizia, o seu aspecto de roceira. E no fim dessa invariavel ladainha, vinha a ordem para a filha tocar, no grande piano de Pleyel, reluzindo, soberbo, num angulo do salão, para o sr. Placido ouvir.

E assim passaram dias, meus caros amigos — continuou Placido — Cada vez que eu entrava naquella casa, tomava a resolução inabalavel de desentubuxar; sobrevinha, porém, um contratempo, um obstaculo imprevisito. Mal avistava a bella do meu sonho, acommetia-me o tal nó na garganta e bastava sentir-me ferido pelo seu olhar para me entorpecer numa cobardia infantil. Deus veio em meu auxilio. Hontem, exgotado o corriqueiro assumpto, fez-se entre nós, eu, a mãe e a menina, vexatorio silencio. D. Amelia cessou de falar, fitou-me os olhos cheios de malicia e a filha baixou os seus, cravando-os, tremula, confusa, nas grandes flôres rubras do tapete do salão.

— Ora, vamos — disse por fim d. Amelia, no tom de quem vence um embarço — O senhor tem alguma coisa a dizer-me. Não tenha acanhamento.

— Mãe — interrompeu Affonsina, afflicta e supplice.

— Para que estarmos com cerimoniaes — continuou a mãe — Eu sei que vocês se gostam. E' do meu gosto, é do teu gosto... Deixemos de hesitações. Ah, olhos de mãe não se enganam.

— E' verdade, minha senhora — avancei eu, titubeando — Eu estava para...

— Já sei — concluiu d. Amelia — para pedil-a... Não é assim?

Affonsina partiu do salão, a correr. — Ora, ora... Vem cá, menina tola — disse correndo apóz a filha, que ella trouxe, ou, antes, que ella arrastou.

Affonsina apparentava leve resistencia ás maneiras imperativas de d. Amelia. Eu esperava, de pé, lirto, agitado por um calafrio, o coração a pular-me dentro do peito.

— Aqui a tem, seu Placido — disse a mãe — Dou-lh'a de todo o coração.

Que momento aquelle, meus velhos! Vocês não pôdem imaginar o que eu senti, uma legião de vermes, um formigueiro a invadir-me o corpo. Affonsina baixou os bellos olhos e entregou-me, sem resistencia, as mãos, que apertei, avido, entre as minhas e quasi se reclinou, languida, sobre o meu hombro, aniquillada de commoção.

Ao terminar a visita dessa noite feliz, a mais feliz noite da minha vida, estavam combinados todos os arranjos do casamento. A futura sogra propunha, eu approvava sem restricções. De resto, a moça estava prompta, só lhe faltava o vestido de noivado e tratar com urgencia dos papeis. D. Amelia manifestou logo singular prevenção contra os noivados muito prolongados.

Despedi-me da noiva como quem larga o coração. D. Amelia ficou na sala e teve a extraordinaria condescendencia de deixar a filha acompanhar-me até o patamar da escada, onde lhe tomei de novo as mãosinhas tremulas, geladas. Vieram-me tentações de depor-lhe um beijo na fronte sombreada por formosos cabellos negros, considerei que isso seria precoce, seria um abuso de confiança.

— Até amanhã, minha senhora. Durma bem, sonhe comigo...

Vejam vocês que tolice. Disse-lhe essa banalidade para dizer alguma coisa, para não partir silencioso, obstruido pelo tal aperto da garganta.

— Até amanhã — respondera ella, friamente.

Aqui teem os meus caros amigos a curta e sensacional historia da conversão de um celibatario empedernido.

Placido exultou com as calorosas manifestações de applausos dos amigos. Era para elle de muita valia essa sanção affectuosa do acto mais grave da sua vida.

— Muito bem. Fizeste muito bem — observou um dos amigos — Nós é que ficamos prejudicados: vamos ficar sem o nosso Placido. Estás para sempre sequestrado, meu velho.

— Sequestrado, eu? — respondera Placido, com perfeita segurança — Vocês não me conhecem, não sabem como tenho geito e paciencia para assimilar o meu novo estado aos meus habitos. Em pouco tempo, dirigirei a familia pelo meu rumo, conforme as minhas idéas, sem esforço, sem bulha, na mais completa harmonia. Hei de organizar uma familia ideal. A velha muito carinhosa, bebendo os ares por mim, encarregada da economia do casal, a filha adoravel, de uma meiguice angelica, apaixonada, docil; eu, como centro dos affectos dos dois corações, dominando soberano o meu lar, como senhor venturoso.

— Olha!... — observou um dos parceiros — ellas em casa dos paes são todas umas pombinhas, umas rôlas sem fé. Está por nascer a sogra que não pretenda governar a casa do genro. Vaes morar com ella?..

— Não ficou bem assentado — respondeu Placido, com certa preocupação — esse ponto do programma...

— Si caíres nessa, estás desgraçado — concluiu o amigo, que era pae de familia com longa experiencia da vida matrimonial.

— Veremos!... Nem que eu fôsse um maricas e não tivesse meditado muito nesse pormenor. Não sou homem de violencias, de estardalhaços, mas deixar-me governar!... Nunca!... Tenho inquebrantavel energia, immensa força de vontade debaixo desse meu aspecto de bonhomia. O casamento não me enfraquecerá a coragem com que tenho vencido na lucta pela vida. Não só foi consequencia de um amor espontaneo, como foi acto muito estudado por todas as faces, previstas maduramente todas as consequencias. O amor e a razão collaboraram com a mesma intensidade egualmente, na mais perfeita harmonia.

— Pois sim... — retrucou o interlocutor — Mostraste bem essa energia quando andaste embeijado pela Consolani, que pintou a manta contigo. Andavas pelo focinho como um cachorrinho de estimação...

— Não compares, homem, o resultado de um capricho que se esvaía uma vez saciado. Eu tinha, com effeito, uma forte inclinação por essa mulher. Era bonita, cautava como uma patativa, fiz-lhe ricos presentes no dia do beneficio no theatro da Paz, confesso, mesmo, que me excedi um pouco, mas não foi por fraqueza. Eu considerava a necessidade de salvar as apparencias, para evitar escandalos de que aquelle bello demonio era muito capaz. No dia em que ella pretendem levantar a grimpa, fazer-me imposições, revesti-me de energia e disse-lhe: alto lá! Mais amor e menos

confiança !... Temos conversado... E mandei-a passeiar, friamente, sem desfalecimento, sem remorso... Eu cá sou assim : muito amor, muito carinho, muita condescendencia ; quando, porém, fôr necessario agir, sou duro que nem uma rocha. Aqui onde me vêem, sou um caracter de bronze forrado de velludo.

A fanfarronice de Placido foi acolhida com estrepitosa gargalhada. Todos lhe notavam na loquacidade desusada, nas maneiras exaltadas, a profunda transformação de um homem arrancado do seu meio para um ambiente novo, extranho, onde elle se sentia offuscado.

(Continúa)

## PAGINAS ESQUECIDAS

### ARRULHOS DE NAMORADOS

— Não vês aquelle riacho  
Que da explanada desceu  
E uniu-se á fonte lá abaixo ?  
Ella és tu, elle sou eu.

« E tu ? Vês aquellas palmas  
Que enlaçam rijos cipós ?  
Não serão as nossas almas ?  
Não são tão iguaes a nós ?

— Não vês os grupos formosos  
Dos colibris sobre a flôr ?  
Assim vôam nossos gosos  
Libando os favos do amor.

« E tu ? Vês naquelle ramo  
Uma ave ? Olha : alli, alli :  
Parece gemer : — Eu te amo !  
Sou eu gemendo por ti. »

— Assim é : ambos compomos  
Na terra um profundo nó :  
O que sou eu ? O que somos ?  
Dois corpos numa alma só.

LUIZ GUIMARÃES.

\* \*

### S. PAULO. WESTMINSTER.

Agora posso felizmente dar largas ao meu sincero desejo de admirar, porque, entrando em S. Paulo e em Westminster, que são dois pantheons, tenho de me curvar perante a grandeza d'este povo fadado, como o romano, para o imperio. *Tu regere imperio populos, romane, memento!* Tambem os romanos produziam no espirito dos gregos impressões semelhantes ás que a estranheza do character inglez produz em nós *continentaes* ; tambem os gregos tinham de curvar-se perante o genio governativo ou imperial dos romanos, como nós hoje te-

mos de reconhecer as qualidades politicas eminentes d'este povo, que na sua historia repete a romana, quasi ponto por ponto.

A sua heptarchia é como o periodo lendario dos reis de Roma ; depois vem a historia da sua constituição, tambem por um lado vinculada sempre á tradição, por outro procedendo gradualmente e assimilando a si os povos visinhos, até constituir a unidade politica da porção de territorio geographicamente marcado á nação. Depois vem a expansão e a conquista, pela instituição das colonias. Vem o duello com Napoleão, que lembra as guerras de Annibal ; e a conquista da India, semelhante á da Africa dos carthaginezes. Depois vem o Imperio, e é ver com que orgulho os inglezes proferem as palavras : *empire, imperial*.

Não me proponho, certamente, a fazer agora uma prelecção sobre o parallelismo da historia romana e da ingleza : vem isto apenas para dizer o que senti, quando entrei em S. Paulo e em Westminster. E' como em Roma, a mesma sanctificação da politica, a mesma socialisação do culto. As egrejas são pantheons. Por isso mesmo se vê que não é um povo accessivel aos sentimentos metaphysicos, assim como o romano o não era ; mas n'este proprio limite está o segredo da sua força. Na Antiguidade, por isso que o espirito metaphysico não saíra ainda das noções elementares, os cultos faziam parte da constituição ; e a Igreja era uma repartição do Estado, a devoção um aspecto do patriotismo. Modernamente, o caso é diverso, desde que a instituição do catholicismo creou para as almas uma patria celeste, e que o reino de Deus se retirou d'este mundo. O divorcio da religião e da politica é um facto europeu, desde o apparecimento do christianismo catholico. A revolução religiosa do protestantismo, no seculo xvi, nacionalisando as egrejas dissidentes, modificou um tal estado de coisas no gremio da raça germanica ; mas, apesar d'isso, em parte alguma do continente, nem entre catholicos, nem entre protestantes, se observa este regresso ao modo de ser antigo, como em Inglaterra, por isso mesmo que nenhum povo é como o inglez tão

pouco susceptivel de visões metaphysicas, ou de arrebatamentos propriamente piedosos.

S. Paulo, erguido na collina que está no centro da *City*, sobranceira á Tamisa, já era um logar sagrado no tempo dos romanos. O zimborio e as columnadas que o sustentam são o modelo d'essa Londres classica do seculo xviii, que varias vezes tem provocado o nosso desgosto. A nobreza das linhas, a grandeza da fabrica, negro como tudo está, sob um ceu tambem negro e baixo, em vez de levantarem o espirito, offendem-no. Lembra-se a gente de que este arremedo de S. Paulo de Roma foi construido á custa do imposto lançado sobre o carvão de pedra das minas — e de hulkas parecem, com effeito, fachadas, tympanos, columnas, frisos, zimborio, perystillos, e a propria estatua da rainha Anna, que está em frente da entrada, tendo submissas aos pés a Inglaterra, a França, a Irlanda e a America. O imperio dos bretões já no seculo xviii era formidavel, ainda antes do momento épico de Waterloo, que foi como Zama.

E quando se entra na immensa nave, vê-se a historia conquistadora do povo inglez escripta em estatuas e monumentos, perfilados, ao longo dos muros e nas capellas abertas nas suas faces altissimas. Estão alli os generaes que combateram as guerras do continente e do ultramar, presididos por Wellington, o *iron duke* vencedor de Napoleão. Estão os Napieers heroicos, Ponsomby e Picton, Heathfiel e Moore, Abercromby e Brock, e, em uma capella á parte, o monumento dos heroes de Balacklava, na guerra da Criméa. Os marinheiros teem Nelson á sua frente, com Howe, com Duncan, com Rodney e Collingwood, com S. Vincent, que é como chamam ao *nosso* Napier, vencedor da batalha do Cabo de S. Vicente, em 1833. Depois os bispos : Jackson e Blomfield, da sé de Londres ; Middleton, que foi o primeiro metropolitano protestante das Indias. E apesar das lettras, das sciencias e das artes terem o seu templo em Westminster, Hallam o historiadador medieval, Johnson o lexicographo, Jones o orientalista, Donne o poeta, Turner, Reynolds, os pintores, Cooper o cirurgião : todos esses e va-

rios outros, teem aqui o seu lugar consagrado, como penates de um povo, no recinto do templo erguido para a oração.

Em Westminster, o lugar eminente pertence aos estadistas. Na praça que está em frente da abbadia, levantaram uma estatua a Beaconsfield. No socco puzeram-lhe esta inscripção, eloquente na sua ingenuidade grandiosa: *Ever remembered for devotion to his Queen and the honour of his country.* «Sempre lembrado pela dedicação á sua rainha e á honra da sua terra.» São verdadeiramente solemnes estas palavras simples em que, porém, se respira o genio imperial inglez. A honra da terra está symbolisada na corda do rei.

Dentro da sombria nave gothica estão Chatham e Pitt, Canning, Fox, Peel, Palmerston, Blair, Baine, Cavendish, Castlereagh, Cobden, Warren Hastings, Buxton, Russell: todos, e outra vez Disraeli: a pleiade inteira dos estadistas que levantaram o monumento incomparavel do imperio inglez. Veem-se de pé, em attitudes de acção, fallando, escrevendo, ordenando, cercados pelos attributos symbolicos proprios para acordar no espirito do povo a lembrança dos seus actos e a gratidão pelos seus serviços. Ao lado dos que governaram presta-se culto aos que ensinaram ou encantaram o povo inglez. Newton dá o braço a Darwin, Herschell a Stephenson, o constructor dos caminhos de ferro. Haendel, o musico, está ao lado de Garrik, o actor. Macaulay, Mackintosh, Grote, Thirlwall, os historiadores, emparelham com Goldsmith, Thackeray, Dickens; e Shakespeare preside á pleiade dos poetas sublimes que na lingua fizeram o que a natureza fez na pelle, nos cabellos e nos olhos das virgens inglezas: o encanto do lyrismo subjectivo. E' Thompson, é Dryden, é Southey, é Coleridge, é Campbell, é Addison, é Burns, é Sheridan; são todos, e são innumerados.

O povo que d'esta fórma, entre os modernos, restaurou o culto antigo dos grandes homens, e não por imitação classica, mas por um instincto espontaneo e vivo, revelador do seu genio imperial: esse povo não podia esquecer o culto a um genero de heroes

que só aqui tambem floresce. São os philantropos. A santidade dos povos metaphysicos, ou propriamente religiosos, do continente, chama-se com razão, aqui, philantropia. S. Paulo tem o monumento de Howard; Westminster, o de Wilberforce, o prégador da abolição da escravatura colonial. Nos dois templos, portanto, é facil evocar todas as phases da historia do povo inglez, e todas as faces do seu character colectivo. Tanto mais que em Westminster as capellas estão cheias com os tumulos aristocraticos da Inglaterra medieval, narrando a tragedia obscura e forte da constituição intima d'esse povo, destinado a formar o maior imperio que o mundo jámais viu.

Assim, em Westminster, o passado se liga ao presente, e de permeio está S. Paulo, para nos dizer a chronica intermedia das navegações e das conquistas, das guerras e das viagens. Que importa, pois, que as estatuas sejam mediocres e por vezes grotescas? A impressão épica é tão forte que subalternisa o senso artistico. Tambem os gregos se riam das estatuas romanas e dos templos collossaes da cidade do Tibre.

S. Paulo é, com effeito, *de carvão*; mas Westminster não é. A'quella architectura não faz mal o negro. As janellas rasgadas entre as pilastras esguias que vão terminar-se no alto, perfurando o céu de chumbo; os rendados das pedras nas frestas e rosas, os baldaquins e nichos com as suas estatuetas esfoliadas, as heras, as madresilvas e trepadeiras enroscando-se nos pilares: todo o viço vetusto do gothico, entre massiosos de relva fresca e verde, casa-se com o clima e evoca impressões harmonicas, fazendo repassar na vida os annaes de um povo, que agora attinge a plenitude culminante da sua grandeza. Ou eu estava pouco aberto ás impressões artisticas, ou o spectaculo da epopéa ingleza me enchia de assombro: a verdade é que não me offendeu demasiado o caricato de muitas das figuras dos heroes. Importa, porém, dizer-se que ultimamente ha progresso evidente no gosto.

As artes ornamentaes ganharam immenso com o ensino prestado pelas escolas do *South Kensington Museum*.

E tambem por este lado a inspecção dos monumentos é instructiva: as datas vão ensinando a educação do espirito esthetico, ou antes tecnico-artistico.

S. Paulo, d'aqui por algum tempo, deve ganhar com as innovações que interiormente lhe estão fazendo, enchendo as superficies lisas dos tectos, e das paredes, com mosaicos e pinturas polychromicas simili-bysantinas, fiudos de ouro onde se destacam hieraticamente as figuras piedosas dos santos. Ao mesmo tempo põem-lhe vidraças de côres nas janellas; mas essa ornamentação, tão formosamente propria nas egrejas ogivaes, disparata nos templos classicos.

OLIVEIRA MARTINS.

## APANHADOS

*A vida de Jesus* Segundo um collaborador do *Asino* (Roma), o famoso codigo copta sanscripto da vida de Jesus que o papa Pio VII destruiu, não está perdido. Delle existe uma traducção latina com o titulo *Vita Jesus* pelo cardeal Mezzofanti. O *Asino* publica um trecho deste trabalho na parte relativa ao casamento da Virgem.

O casamento, resolvido pelo Sanhedrin Essenio dos doze para que a propheta concernente á virgindade de Maria se cumprisse, foi celebrado á noite, perto da torrente do Ebron em presença dos doze e sob a presidencia de Simão. Depois, segundo o mesmo codigo, foi declarado aos nubentes: «Sois os instrumentos de Deus; por vossa obra se cumprirá a palavra dos prophetas; ide, sede unidos—mas diá virá em que diremos: separáe-vos». E publicamente, Maria despozou José, que, com a sua velhice, devia testemunhar, perante o povo, a intervenção divina no nascimento de Jesus.

\* \*

Um novo termo na lingua franceza—*recapé*, para designar os mineiros escapos ao desastre. Deve-se dizer *recapé* ou *rescape* a menos que não seja *escapé* ou *écapé*? Tem-se dissertado sobre o assumpto e cada qual emite um parecer.

*Rescapé* ou *recapé* uza-se na região do norte, o lugar por excellencia dos mineiros. Ambos os termos provêm do participio *échapper* (do latim *escapare* primitivamente, sair da capa). A pho-

netica dos dialectos do meio-dia conserva o *s* latino antes de consoante — não modificam o *e* antes de *a*. A fórma da idade média era por toda a parte *escaper* ou *écaper*. A prefixação do *r* é recente como no termo *réchap-por*, de formação recente.

*Recaper*, o novo termo, portanto, nada mais é que uma modificação de um vocabulo já conhecido na lingua. Que falem os philologos.

LEITURAS

\* \*

*Os escriptores hespanhães* Pelo que conta um jornal hespanhol morrerá á fome, em Madrid, o homem de letras. As casas editoras pagam mal, comprando romances de 300 paginas a trinta mil réis (da nossa moéda), a edição! A sra. Burgos recebeu por uma traducção de *Daphnis e Chloé* 90 mil réis e Zola é traduzido a 60 mil réis o volume. O unico auctor que ganhará dinheiro, é Perez Galdos que fundou uma casa para vendas de seus trabalhos.

Na imprensa diaria ha a mesma miseria. Um folhetim, nos grandes jornaes, custa á redacção 1.200 francos e um bom artigo de collaboração no maximo 24\$000.

O theatro é que offerece mais vantagem: paga por cada acto 7\$000, da nossa moéda.

Si não ha exaggero na folha hespanhola, é melhor se tratar alli de outro officio.

\* \*

*Uma romancista ingleza* O ultimo romance da sra. Humphry Ward, *Fenwick's career*, é a historia dum artista na qual a auctora relembra, duma maneira bem clara, a vida do pintor Romney, como no seu livro, *A filha de lady Rose*, traz á lembrança a senhorita de Lespinane. Este pintor está casado e occulta a existencia da sua mulher aos seus illustres amigos e á sua inspiradora, a sra. de Pastourelle, cujo marido, um francez, é o unico homem vicioso do romance.

A sra. Humphry Ward já occupa um lugar bem elevado entre os romancistas anglo-americanos e com esta sua ultima obra as suas fortes qualidades de escriptora ainda se accentuaram. Mas o que não agrada nesse romance é a falta de senso artistico que se trae no plano geral, ou, talvez, pela sua ausencia. Nessas pinturas sociaes a sra. Ward não tem

nada de extranho, de original; falta o destaque que deve ter um auctor quando descreve a vida mundana. Os seus personagens, todos da mais alta sociedade, seguem religiosamente todas as pragmaticas exigidas, sem uma nota inédita, fóra do comunim, e a sra. Ward descreve todas as scenas, fala dos seus typos com um respeito quasi monastico.

\* \*

*Uma aldeia de aleijados* O povo de Jatte, pequena aldeia perto do Culoz, na França, se distingue por uma triste particularidade: a maior parte dos habitantes dessa aldeia sofrem duma má conformação congenita que lhes priva o uso das pernas. Os pobres moradores são conhecidos em Paris pelos nomes de «culs de Jatte» e se transportam de um ponto a outro em pequenos carros que elles mesmos impulsionam.

\* \*

*A poesia na Alemanha* Ha oito annos que a cidade da Kök, na Alemanha, celebra, todas as primaveras, a sua festa das flôres e ali offerece um premio ao poeta que, durante o espaço que medeia entre uma e outra festa, tenha cantado, com verdade e sentimento, o amor. A instituição dessa solemnidade teve o resultado da reacção romantica e idealista que succeden ao periodo naturalista. O fundador desses torneios litterarios é Johannes Fastenrath, poeta de valor e, quanto ás linguas romanas, uma auctoridade de pezo. No numero dos escriptores premiados está Carmen Sylva, a rainha da Roumania; este anno, Thereza Keiter, uma poetisa lyrica admiravel, obteve os suffragios do jury da poesia.

\* \*

*Creados de hotel* Os empregados dos grandes hoteis europeus e norte-americanos não fazem questão de ordenados; empenham-se, com todas as forças, junto aos donos dos celebres restaurantes de luxo para serem empregados e servirem aos freguezes do hotel sem a menor remuneração. E são precisas boas cartas de recommendação; do contrario, não são acceitos.

Mas elles não exigem ordenados, trabalham mesmo de graça, confiando na generosidade dos frequentadores

dos hoteis. Em Paris, cada pessoa que janta numa dessas casas de luxo, deixa de gorgeta ao creado 20 francos. E como isso faz parte da correcção de maneira, da delicadeza, da elegancia, ninguem esquece de dar uma duzia de francos ao *garçon*. Os creados dos grandes hoteis de Nova York ganham em gorgetas dadas pelos freguezes cerca de 1.000 *dollars* por anno.

Ultimamente, em Prais, fundaram um hotel bellissimo, dum luxo pomposo, com uns lindos salões adornados ricamente, e duma segurança confortavel — *La prairie bordelaise*. O povo dos *boulevards*, sequioso de coisas novas, de notas inéditas, enchen com prazer o bello hotel e a concorrência tem sido de tal maneira espantosa, que se obtem com grande difficuldade uma meza: para isso é preciso que se deem 5 francos de gorgeta ao creado para reservar a meza para dali a dois dias. Sem os 5 francos para o *pour-boire* do pobre creado, ninguem conhecerá *La prairie bordelaise*, de Paris.

\* \*

*Anedoctas phantasticas* A rainha Maria Christina, da Hespanha, conserva cuidadosamente uma grande collecção de pedaços de jornaes que contavam anedoctas e factas relativos á infancia do rei Affonso XIII e que tem o merito de ser, em sua maior parte, absolutamente falsas.

A rainha mãe allude sempre a essas pêtas, todas «engrossativas», para dizer profundamente: «E' assim que se escreve a Historia»...

\* \*

*Adrizes-ladies* Depois que a commissão encarregada de distribuir a grande cruz da Legião de Honra não a quiz conferir a Sarah Bernhardt pela simples razão de que a celebre actriz era uma mulher do palco e que a moral se não associa bem com a vida da ribalta — torna-se bem curioso accentuar que na Inglaterra, a patria classica de pureza de costumes, cinco *lords*, das mais puras familias britannicas, se cazaram com cinco lindas senhoras, que fóram actrizes, quando solteiras. São essas as cinco *ladies*-actrizes; May Carington, *lady* de Clifford; Belle Bolton, condessa Clauéarty; Connie Gilchrist,



condessa de Olseny; Rorie Root, marquiza de Headford; e Annie Robinson, condessa Roselyn.

\*\*

*Conferencia de paz* A conferencia annual de Lake Mohonk, nos Estados Unidos, a favor da arbitragem internacional, pediu ao presidente Roosevelt que os delegados norte-americanos sustentem deante da Conferencia de Haya:

1º—uma proposta de converter esta conferencia em congresso permanente e official das nações a titulo de consulta;

2º—um plano para uma trégua de armamentos seguida de redução simultanea;

3º—um tractado de arbitragem permanente obrigatorio.

A *Liga dos Direitos do Homem*, em sua assembléa geral, votou resoluções similares e decidiu que a *Liga* organizará o desenvolvimento das idéas pacifistas e se associará a todos os congressos de paz.

\*\*

*Tolstoi e um sceptico* De uma correspondencia de Berlim para o *Paiz*, vale a pena destacar este trecho curioso, a respeito de uma visita que um estrangeiro fez a Tolstoi:

«O estrangeiro disse:

— Minha mulher entrou ha tres annos numa casa de saúde, subitamente louca após a leitura da *Sonata a Kreuzer*. A castidade é uma virtude que lhe cegou o entendimento. Mas a minha razão não soffreu ainda, felizmente, um abalo qualquer. Dá-se o caso que eu penso de uma fórma diametralmente opposta á sua, e por isso venho para que me explique o livro. Ou convenco ou fico convencido.

Tolstoi cofiou a longa barba branca e fixou nelle os olhos rudes.

— Lê-se no Evangelho... — começou o philosopho.

É o desconhecido atalhou, pressuroso:

— Eu não creio no Evangelho.

— É uma obra inspirada por Deus.

— Não creio em Deus.

— É triste a escuridão dessa alma — disse Tolstoi, no auge do espanto.

— Também não creio na alma — replicou o extranho hospede.

Então, o velho escriptor levantou-se

lentamente e estendeu as mãos calçadas na direcção do caminho:

— Volte para o seu paiz — exclamou elle — porque com annos que durasse a sua permanencia aqui, nunca chegaríamos a comprehender-nos na idéa mais simples.

\*\*

*A lei da separação* Jornaes da Europa commentam a attitude do papa ante a lei da separação. A *Cruz* annunciara que Pio X recuzava á formação de sociedades cultuaes, apesar de algumas folhas terem declarado que s. santidade auctorizaria os catholicos a se constituirem em associações canonicas. Foi a *Cruz* que teve razão. A attitude do papa foi de resistencia á lei. Deste modo, não é possivel que o governo francez recue, e a lei da separação ficará um instrumento effcaz nas mãos do Estado. Por isso, os jornaes entendem que Pio X, com a sua resolução, segue uma politica tacanha e mostra um espirito pouco moderno e liberal. E vêem a prova da má orientação do papa na excommunhão que elle reserva aos christãos democratas da Italia e da Hespanha.

O procedimento do Vaticano, accrescentam as gazetas, é a pura influencia da idade média personificada em Merry del Val e Vives y Tuto, o confessor do papa, que não possui o tino diplomatico de Rampolla e concorre para a crise da Igreja.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*O radium e a vida. — Estudo do professor Burke. — Contestação do dr. Saleeby. — A geração é um facto.*

Tem sido objecto de erudito debate em todos os paizes os estudos do professor sobre os radiobos e o dr. Saleeby, a quem já nos referimos nesta secção, afirma, em artigo publicado no *Harper's Magazine* de julho ultimo, que aquelle cientista nada adeantou sobre as origens da vida porque as suas experiencias não correspondem ás condições da vida do planeta ha centenas de milhares de annos, quando a sua temperatura se tornára bastante baixa para permittir a existéncia d'agua na fórma liquida e o apparecimento dos primeiros elementos da materia viva.

Além disso, não se prova, si bem que não seja de todo invarosimil, que ossaes de radium existissem no tempo

desse resfriamento da Terra em proporções comparaveis ás do radium dos tubos de experiencia do professor Burke. Imaginada a hypothese de poder elle preparar tubos de gelatina esterilizada innoculados com terra tambem esterilizada e fóssem elles examinados durante dois ou tres mil annos e dado o caso que esses tubos desenvolvessem para posteridade organismos vivos, gerados pela radioactividade da Terra sobre gelatina de carne, a experiencia não satisfaria os homens. O seu exito não explicaria a origem da vida no passado, si admitirmos que a geração espontanea não é um mytho, porém um facto que ocorre quasi todos os dias. A sua experiencia não seria procedente, uma vez que não só experimentador como a sua gelatina são productos da vida.

A essa critica se não pôde oppor o argumento de que os chimicos podem, agora, preparar substancias similares á gelatina pela manipulação, em laboratorio, dos seus elementos essenciaes, porque não existiam chimicos ou laboratorios naquellas edades prehistoricas, e, todavia, o processo pelo qual os chimicos, apesar do velho vitalismo affirmando que os compostos organicos sómente podem ser firmados pela acção da materia viva, chegam a synthetizar ablumens artificiaes, divergem, como os pólos, dos methodos de confecção desses elementos organicos pelo protoplasma vivo, o mais sabio e o mais velho dos chimicos.

Estas considerações evidenciam que o dr. Burke, concedendo-lhe mesmo muito mais do que elle pretende, não demonstrou nem explicou a origem da vida. O que elle, entretanto, conseguiu foi mostrar que a geração espontanea se dá ainda hoje, como provou o dr. Charlton Bastian, ha cerca de trinta annos, ante a opposição universal. O dr. Burke deu-nos com os radiobos uma demonstração de entidaes servindo para a prova de continuidade essencial entre a natureza organica e a inorganica, continuidade cuja contestação seria a negação da licção de todos os conhecimentos accumulados pelo homem desde que este começou a pensar.

Não ha duvida que o problema da vida, descoberta do radium e da radioactividade, entrou em nova phase e não ha departamento da sciencia natural em que elle não seja um grande revelador.

*A esterilização das aguas alimentares — Diversos processos baseados no emprego do ozona — Considerações.*

Os resultados d'agua pura e abundante são diminuir as molestias e a mortalidade, eliminar as epidemias de cholera, febre typhoide, desynteria e reduzir essas enfermidades transmissíveis pela agua aos casos de importação, de transmissão por outra via — contágio directo, infecção das habitações, transporte pelos insectos, etc. — factos revelados por Brouardel, hoje universalmente demonstrados e accetados.

Em vista da natureza microbiana das molestias epidemicas transmissíveis pela agua, admite-se que a influencia desta sobre o estado sanitario depende, sobretudo, da especie de germens que ella póde conduzir, si bem que essa demonstração bacteriologica rigorosamente scientifica seja, muita vez, impossivel de fazer.

Nos casos de ser irrealisavel a captação de aguas subterraneas puras, deve-se recorrer a um processo de depuração efficaç assegurando a innocuidade de maneira constante e continua. Para attingir esse resultado, bastaria obter a esterilização limitada, assegurando a destruição de todos os germens adultos, tolerando a persistencia dos seus cadaveres ou dos seus esporos particularmente resistentes.

Os processos de esterilização absoluta d'agua são baseados na filtração perfeita ou no emprego do calor sob pressão durante determinado tempo; mas esses processos não são aproveitáveis nas grandes massas d'agua por causa do elevado preço. Os processos praticos de esterilização limitada são pouco numerosos, porque é muito difficil assegurar, em condições economicas, a esterilização sufficiente de grandes volumes d'agua, não lhe modificando as propriedades organolepticas e biologicas, sinão melhorando-as.

Os principaes processos de depuração são representados pela passagem d'agua através da arêa submergida por meio dos filtros lentos inglezes ou dos filtros rapidos americanos.

O colibacillo que existe sempre n'agua bruta póde ser totalmente eliminado pelos filtros submergidos, facto muito interessante, cujas consequencias pódem revolucionar as praticas actuaes de filtração. Não se póde, porém, admittir com segurança que todos os germens perigosos sejam eli-

minados por esse systema, si bem que possa privar a agua que elles atravessam de uma determinada especie microbiana.

Alguns hygienistas receiaram que o uzo d'agua, privada de germens pela esterilização, pudesse privar o organismo dos seus meios naturaes de defeza, mas a verdade é que a agua potavel submettida ao processo de esterilização nunca chega esteril ao organismo humano; desde que são dos apparatus ella se repovôa, nos reservatorios, nos encanamentos, nas garrafas, nas bilhas, de germens inoffensivos da atmospheria. O papel da esterilização é matar, eliminar os germens caracteristicos de certas molestias epidemicas.

Os processos de esterilização dos grandes volumes d'agua, oficialmente admittidos em França são; 1º — os baseados sobre o emprego do ozona, systema de Frise, antigo processo Tindal modificado; processo Marmier e Abraham; processo Otto. 2º — os baseados no emprego dos compostos oxygenados do chloro, processo do peroxydo do chloro, processo Bergé — systema Howatson; processo ferro chloro, Duyek — Howatson.

Dóses extremamente fracas de ozona em contacto intimo com a agua bastam para matar, quasi instantaneamente, os germens. Póde-se esterilizar industrialmente a agua de fonte com 0,600 gr. de ozona para 1000 litros, resultando disso que o ozona teria propriedades antisepticas quasi instantaneas na dóse de 0,00006 gr. por 100 d'agua.

O ozona n'agua em bom contacto com o ar se desprende ou se decompõe instantanea ou totalmente, produzindo esterilização perfeita e conservando as propriedades biologicas, ou modificando-as em sentido favoravel, quanto ao cheiro, sabor, ao aspecto e á temperatura, dando a agua ozonada todas as propriedades physiologicas d'agua pura.

*Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.*

*Toda a correspondencia relativa aos «Annaes», devê ser dirigida ao secretario, o sr. Walfrido Ribeiro.*

## A LIVRARIA

«ULTIMAS PORSIAS», POR FRANCISCO MANGABEIRA. — OFFICINA DOS DOIS MUNDOS. — BAHIA. 1906.

Já é uma obra posthuma esta representada pelo volume que ora se publica; é a primeira na série recolhida entre os papeis que se encontraram pertencentes a Francisco Mangabeira, um poeta de hontem, cuja estrêa excepcionalmente brilhante, ainda, de certo, ninguém pôde esquecer.

*Hostiario*, que foi o seu livro inicial, pertence ao numero dessas bellas promessas periodicas que se succedem tão regularmente em nossa litteratura como si fôsem phenomenos astronomicos ou metereologicos de reprodução cyclica. E' coisa, portanto, que já podemos ter por normal, tanto como infelizmente a desillusão que a quasi todas essas risonhas promessas melancholicamente, desoladoramente se succedem.

Não será só entre nós que tal facto se dê; nem é elle o attestado de uma fraqueza propriamente organica na nossa complexão intellectual. Será este um phenomeno commum a todas as sociedades ainda em via de perfeita organização em que a funcção artistica e litteraria ainda se classifica como um accidente esporadico, de continuidade precaria, não correspondendo a um estadio de que ella venha a ser uma característica necessaria, essencial.

As tão numerosas estrêas litterarias que todos os annos contamos nas nossas lettras obedecem áquella mesma lei de que resulta serem muito mais numerosamente representadas na vida as especies de resistencia menor.

A natureza se caracteriza por absoluta despreocupação sentimental. A morte nunca lhe inspirou a morbida e negativa ambição de esterilidade. Pelo contrario, ella é causa apenas de estimulo, de exaltação para a sua actividade. Pouco lhe importa que os individuos succumbam, comtanto que ella ache meios e modos de salvar o principio da Vida em cada uma das suas representações geraes.

Si tão pouco está no homem, muito menos nos moços, poderem penetrar os intuitos inflexiveis da natureza a tempo de evitar-lhes as consequencias no que estas lhes interessem de mais perto.

A nossa deficiente cultura, de todos os pontos de vista, — a inexperiencia pratica da raça, e a sua illusão, a ingenuidade das suas vistas nesta questão de valores intellectuaes, — impedem e hão de impedir por muito tempo ainda que se opere uma modificação sensivel no phenomeno da nossa productividade litteraria, por

modo que nós livre da falacia característica do cyclo actual.

As notas biographicas que precedem, muito pertinentemente, a materia das *Ultimas Poesias*, revelam-nos a normalidade que o caso lamentavel do joven Francisco Mangabeira representa.

Levado pela vida, dentro da fatalidade do meio em que teve de se agitar, dotado de viva sociabilidade, sendo até mesmo de espirito aventureiro, sinão romanesco, elle reproduziu lá no norte o typo classico do poeta brasileiro, de pouca ponderação e dispersivo, quasi obrigado a morrer moço para melhor harmonia do quadro phantasista que taes existencias offerecem.

Como os tempos que atravessamos são mais de bulhas politicas e de acção practica do que de serenatas sob as janellas e de torneios academicos por satisfação simplesmente da vaidade intellectual, este nosso contemporaneo, já de uma geração posterior á minha, andou em guerras e compoz hymnos de revoltas, marchou para Canudos, que lhe deu um livro, e continuou depois a varar para o norte, sublevoou-se com os acreanos, quiz assentar tenda no promissor Amazonas, que, mephitico, lhe deu a morte.

Essa vida moderna que elle levou, que todos nós mais ou menos levamos, embóra poucos com tanto arrojo e ainda mais raros por fórma tão radical, é peor para o poeta, comparada com a que tiveram os romanticos. Emocional, absorvente como seja, é, no emtanto, de sentimentalismo nenhum, e anti-esthetica o quanto pôde ser.

É o *reporter* quem a regista hoje em dia, entre as cifras muitas vezes pouco exactas e as mentiras convencionaes que a industria do jornal requer. Ella tem seu encanto, como a vida sempre teve afinal, mas um encanto selvagem e aspero, para que o lyrismo actual quasi que não encontra expressão. Não se presta á contemplatividade do poeta: ella quer ser vivida muito objectivamente, quer ser amada como uma mulher ardorosa e prosaica.

Ainda peor si se tem de atravessar-a em atmospheras como aquella para que foi arrastado o poeta em questão. Quasi que só o Rio, por emquanto, offerece no Brazil um meio já um tanto intellectual, em que um homem pôde viver mais naturalmente pensando. Nos outros só por excepção, por um grande esforço pessoal, consegue um ou outro destacar-se da massa que os interesses materiaes absorvem totalmente, ainda mais numa phase como esta em que entrámos de difficuldades excepçionaes para a vida.

Mas por isso mesmo esses que representam tal excepção necessitam fugir ao caso geral no que respeita ás condições de sua collocação em taes meios, de tal modo que sua obra não represente a inanidade circumstante, coisa difficil de alcançar, principalmente para o poeta, sympathico por natureza ás influencias directas e immediatas. Em todo caso, mesmo que elle venha dotado de uma rara espontaneidade e de uma energia excepcional, de um bello egoismo productivo, ser-lhe-á impossivel furtar-se de todo ao menos a certas consequencias da deficiencia do horisonte.

As *Ultimas Poesias* de Francisco Mangabeira falam-nos eloquentemente da vida duplice de que as naturezas intellectuaes são capazes e revelam-nos na delle uma bella força de reacção contra a influencia immediata, hostil e esterilizadora, que é de calcular seja a da athmosphera a que vive circumscripito nos ultimos annos de sua vida. Não fôsse elle na realidade um poeta e a penna lhe houvera caído da mão, para o verso, muito antes de vir a morte traiçoeiramente ceifar-lhe a existencia.

Nem foi apenas este livro o que se encontrou no acervo litterario que ficará representando a sua obra posthuma, quando todas as paginas que elle deixou puderem ser conhecidas do publico. Outros volumes, — poemas, poemetos, paginas intimas, uma historia mystica, — puderam colligir aquelles que carinhosamente se entregaram ao labor de ordenar o seu disperso archivo.

Pelo que se pôde julgar, perpassando as producções que se encontram neste livro de agóra, admira-se o trabalhador pertinaz que foi aquelle moço, através da sua vida agitada e cheia de tão varios accidentes. Trabalhador e talentoso, por tal modo que o seu nome será repetido com o respeito de todos quantos conhecem as difficuldades da execução e que sabem que só a idade traz certos complementos ao espirito do homem, seja qual fôr a sua força de espirito e o seu poder de intuição.

Vê-se, no emtanto, pelas *Ultimas Poesias* que a falta maior de que se resentiu este espirito foi a de elementos que permittissem uma renovação constante no seu repositório de idéas, que é para o que o meio, a leitura e o lazer são uteis.

Talvez dois terços deste livro, elle os realizou graças á forte e facil virtuosidade de que era capaz, que, como já tive occasião de dizer nestas mesmas columnas, é uma das qualidades indispensaveis ao verdadeiro poeta. Ha muita capacidade verbal representada nessas rimas brilhantes.

Por vezes ha mais do que isso. Pódem-se apontar neste volume diversas producções de mais sério valor, e novo, ainda mais, dentro da individualidade que o poeta do *Hostiario* nos permittiu conhecer.

*O Rio Amazonas, As Arvores*, falam-nos de uma evolução legitima operada nesta natureza, que com a vida e os annos ainda se ia ductilmente modelando. Tem um ardor tropical, um flagrante da natureza selvagem e imponente com que elle se foi encontrar mais para o norte que as suas brilhantes paginas de estréa, ainda tão inspiradas na musa dos symbolistas peninsulares, não revelam.

*A Torre de Crystal e A Borboleta*, lembrando ligeiramente Alberto de Oliveira embóra, indicam que delicioso artista Francisco Mangabeira poderia vir a ser, nos prismas polychromos que a primeira objectiva, no iris das azas que tremulau na ultima, e ainda na delicadeza do sentimento pantheista de que esta representa a expressão.

*Phantasia Turca* é de uma virtuosidade encantadora, tem valor particular, falando-nos da capacidade que havia no poeta para transportar-se a outros meios e dar-lhes a devida nota característica.

Mas a impressão que se tem do conjunto, por essa relativa falta de variedade nas idéas, de que falei, não está na altura da expectativa formada pelos que, ignorando as circumstancias especiaes que se deram na vida do poeta, delle exigisse o que era logico esperar de quem teve uma estréa tão merecidamente victoriosa.

Avisados, porém, que estejamos, as *Ultimas Poesias* só nos fornecem motivo para admirar em Francisco Mangabeira a sua força irresistivel de idealisação e a pertinacia com que proseguin em seu sonho, de modo a poder-nos ainda legar paginas cuja belleza attesta um legitimo progresso que se dera em seu espirito e faz-nos ainda mais lastimar a brutalidade do destino que o esmagou.

NUNES VIDAL.

#### RECEBEMOS:

— *Os Serões*, a excellente revista portugueza, n. 13, julho de 1906, com um sumario muito abundante de que destacamos a conclusão do artigo, illustrado, do sr. José Pessenha sobre a Torre do Tombo.

— «*Quintino Durward*», romance historico de Walter Scott, traduzido por R. d'Avellar; edição da casa Garnier, em dois volumes.

— «*O Espiritismo*», fakirismo occidental; estudo critico, historico e experimental pelo dr. Paulo Gibier; edição da mesma casa.

— «*Ensaio de panamericanismo*», artigos publicados na imprensa diaria de São Paulo pelo dr. Alberto Seabra.

## PÓDE O «SE» SER SUJEITO?

Ha dias, o sr. Candido Lago, velho conhecedor de linguas e reputado conhedor do seu officio, tracejou, num dos organs da imprensa carioca, algumas linhas ácerca do assumpto expresso no cabecalho das presentes lettras. Consultado a respeito, segundo affirmou s. s., por intermedio de uma excellente carta, o sr. Lago não tardou, antes promptamente saíu a dar os esclarecimentos necessarios ao consulente.

\* \*

A particula *se*, em portuguez, quando derivada do latim *si* é uma conjuncção subordinativa, e neste caso empregada como liame de proposições; quando originaria do *se* latino, é a flexão pronominal da terceira pessoa.

Convém se notar de passagem que a fórma geralmente usada em nosso paiz, da conjuncção *se* é *si*, o que se não verifica em Portugal. Os hespanhoes e os francezes dizem e grapham *si*; os italianos, *se*.

Em manuscriptos e livros antigos, preciosos legados dos nossos maiores, encontra-se *si*, e não *se*.

Mas, não foi, de certo, esta questiuicula que nos induziu a escrever este artigo; não é por causa della que os entendidos turraram, e sim devido ao pronome *se*, que funciona no discurso portuguez de diferentes maneiras:

- como pronome reflexo
- como pronome reciproco
- como particula apassivante
- como particula expletiva.

Até ahí váe tudo no melhor dos mundos possiveis; vivem os grammaticos, á maneira de Dens com os anjos, em santa paz. Mas, não ha bem que sempre dure, lá reza o annexim, e não sabemos que diabo introduziu a cizania no rebanho do Senhor, queremos dizer na fraternal concordia dos grammaticos. O certo é que alguém se lembrou de descobrir que o pronome *se* desempenha ainda um quinto papel no seio da linguagem portugueza — o de particula representativa do sujeito indeterminado.

Em regra geral, o descobridor não deixa de trazer, ás vezes mesmo com

alarde, o seu achado á plena luz meridiana. A natureza, providencialmente, armazenou essa vaidade entre as vaidades de que atulhou o armazem humano. Ai de nós si não fôsse assim! Ainda hoje não tomaríamos café com assucar, nem teríamos as ruas illuminadas á electricidade. De resto, os padres Bartholomeu de Gusmão e Antonio Vieira, que tinham obrigação de ser modestos, não tiveram forças para occultar á luz do mundo, aquelle o seu famoso invento e este os seus escriptos immortaes.

Ora, o tal descobridor da funcção subjectiva do pronome *se* não era, positivamente, nenhum santo, para se deixar ficar mais a sua invenção, humildemente, miseravelmente inédito nalgum buraco de rocha. Não o era, e gritou aos quatro ventos que o pronome *se*, em certas e determinadas circumstancias, representa o sujeito.

Subsequentemente, outros grammaticographos, destas plagas e das d'além-mar, subserveram esse original, para se não dizer estapafurdio, conceito.

\* \*

Porque póde o pronome *se* ser empregado como sujeito?

Porque é um verdadeiro equivalente de alguém. Esta oração: «Fez-se hontem a chamada dos operarios», passada para a passiva dá: «A chamada dos operarios foi hontem feita por alguém.» Do que se dedúz ser o verdadeiro sujeito da oração o pronome *se*; porquanto, passada a oração para a passiva, teve elle o destino que em regra tem os sujeitos das orações activas quando ellas se passam para a passiva, — foi ser objecto indirecto.

Porque, além disso, as outras linguas tem um pronome monosyllabico consagrado á representação dos sujeitos indeterminados. Os francezes tem *on*; os inglezes, *que*; os allemaes, *man*.

Taes são, pouco mais ou menos, os argumentos que adduzem a seu favor os apaixonados partidarios da funcção subjectiva do pronome *se*.

\* \*

Os que rejeitam a todo o transe essa funcção, erroneamente adjudicada ao pronome *se*, são os que expendem ra-

zões mais consistentes. Neste conflicto de opiniões, são elles, sem duvida, que perflustram a verdadeira senda, por estes fundamentos:

— *se* de *sujeito*, *si*, *se*, não tem nominativo, o que implica asseverar ser incompativel, por incapacidade, com a funcção subjectiva;

— a oração: «Fez-se hontem a chamada dos operarios» não depõe a favor, visto que não está na voz activa, como querem certos grammaticos, mas na passiva;

— tal emprego não tem a sancção dos classicos nem do povo, e é, por isso, contrario á indole da lingua.

E' doutrina incontroversa que, em portuguez, o verbo não tem uma fórma simples para exprimir a voz passiva, como tem para a activa, pelo facto de estar sempre o verbo adjectivo na fórma de verbo activo. Assim, pois, não temos propriamente verbos passivos ou flexões peculiares á voz passiva, como tinham os gregos e os romanos. Entretanto, não deixamos de ter a uossa voz passiva, que exprimimos mediante tres processos: o analytico, o pronominal e o semeiologico.

O processo pronominal é o que nos interessa nesta conjunctura. Elle consiste na apassivação dos verbos nas terceiras pessoas do singular e do plural por meio do pronome *se*, (1) considerado então méra particula apassivadora, como quer Julio Ribeiro, ou objecto directo apparante, conforme opina Freire da Silva. (2, 3).

Que o emprego do pronome *se* não tem a sancção dos classicos, é bem facil de se demonstrar. Os antigos escriptores usavam de *hom* e *homem* na accepção de pronome indefinido e que correspondiam exactamente ao *on* dos francezes. Mas esses modos de dizer, que se encontram em D. Duarte, Damião de Goes, fr. Luis de Souza e outros seus coevos, se fôram pouco a pouco retirando da circulação, até se ausentarem de todo. E não nos consta tenham sido substituidos por *se*.

Quanto ao povo, quando quer indicar o sujeito indeterminado, já porque se queira isentar da responsabilidade de enunciar o agente da acção, já porque o não conheça, systematicamente emprega o verbo na terceira pessoa. «Escreveram na parede, suja-

ram aqui, entornaram-tinta, rasgaram o papel, dizem muito mal delle, pisaram-me no pé.» São as verdadeiras expressões populares.

«Escreveu-se na parede, sujou-se aqui, entornou-se tinta, rasgou-se o papel, diz-se muito mal delle, pisou-se-me no pé» são fórmulas deploravelmente erradas, peregrinismos syntacticos introduzidos na lingua pelos que, regulares conhecedores de idiomas estrangeiros e pessimos do nosso, sacrificam a cada passo este áquelles.

Estamos, portanto, de accôrdo com o modo de pensar do sr. Candido Lago; não podemos concordar, porém, com a maneira por que s. s. se expressou.

E' uma divergencia insignificante, mas não devemos deixal-a passar sem registro.

«Se, portanto, na lingua portugueza, pôde ser objecto directo, (raras vezes indirecto), mas nunca pôde ser sujeito...»

Não é exacto que se nunca possa ser sujeito. Como toda e qualquer especie de palavra, o se pôde, accidentalmente, exercer funcções de substantivo, e neste caso servir de sujeito; fóra dahi é que nunca.

Nesta sentença: «O pronome se nunca pôde ser sujeito.» Qual é o sujeito: não é «O pronome se?»

Evidentemente a clareza ficou um tanto lesada na asserção do sr. Candido Lago; porquanto, para ser claro, para ser correcto em toda a linha, s. s. deveria assim tel-a redigido: «Se, portanto, na lingua portugueza, pôde ser objecto directo (raras vezes indirecto), mas não pôde ser sujeito, excepto quando empregado no discurso com funcção de substantivo (substantivado).»

JOÃO DE DEUS FILHO.

NOTAS. — O sr. Candido Lago, referindo-se ao pronome francez *on*, não se lembrou de advertir ao seu consulente que esse pronome, derivado de *homo*, se escrevia *om* no seculo XII e *hom* em tempo ainda mais remoto. Tambem lhe escapou assignalar a differença infinitesimal, si nos consentem a expressão, que existe, em francez, entre *on* e *l'on*.

São expressões, ou, melhor, particulas quasi equivalentes, é verdade; mas a primeira, por estar privada do artigo, tem menos precisão que a segunda. *On* começa uma oração particular indefinida; ao passo que *l'on* inicia uma proposição geral defi-

nida. Assim, nestas sentenças: «*On* dit qu'il est malade» e «*L'on* dit que la maladie est terrible», convém se notar a differença entre *on* e *l'on* (homine dit) e *l'on* dit (l'homme dit).

(1) Por analogia dá-se a mesma forma passiva a verbos intransitivos, quando sómente queremos exprimir a sua significação absoluta, abstrahindo-se do sujeito: vive-se, canta-se, bebe-se. Algumas phrases ha, tambem, equivalentes a passivas, formadas pelos pronomes *me, te, se, nos, vos*: Elegeram-me deputado (fui eleito deputado), Menina e moça me levaram de casa de meus paes (Menina e moça fui levada de casa de meus paes), Como é que te chamas tu? (Como é que és tu chamado?), Elles se chamam Antonio e Joaquim (Elles são chamados Antonio e Joaquim).

(2) Esse modo de formação da voz passiva não se deve usar quando claro o objecto indirecto: «Tratam-se estas doenças pela homoeopathia». Neste caso apassiva-se o verbo pelo processo analytico, isto é, por meio de uma expressão em que entrem o verbo *ser* e o participio aoristo: «Estas doenças são tratadas pela homoeopathia». Tambem não se deve usar a passividade pronominal quando a acção puder ser exercida pelo sujeito, para se evitar ambiguidade. «Mataram-se muitos homens», deve ser: «Muitos homens fóram mortos».

(3) Esse processo de apassivação de verbos não é um idiotismo da lingua portugueza, consoante, erroneamente, doutrinou alguns certo glottologo lusitano; os italianos, os hespanhoes e os francezes tambem apassivam verbos com as particulas *si* (italiano), *se* (francez), e *se* (hespanhol), equivalentes ao nosso *se*.

Os mais remotos documentos da lingua registam esse processo de apassivação; no *Leal Conselheiro*, de D. Duarte, vê-se: «... e per tal dicto se demonstra com as virtudes speciaes não se podem bem praticar si as quatro principaes suso scritas nom forem possuydas». Em Gomes Hannes Azurara: «...assy como no Latim este nome quer dizer *Tempus*, e d'hy se diriva Chronica, que quer dizer Istória, em que se escrevem os feitos temporaes...» «Porém he minha intenção com a ajuda da Santa Trindade escrepper em este volume os feitos, que se fizeram na cidade de Cepta...» No *Livro 19 do Senhor Rey Dom João IV*, alvará passado ao dr. Nicoláo Monteiro: «... e lançar na folha de aposentadoria os ditos cem mil rs para cuyo efeito se acrescentarão á consignação que tem...» E, finalmente, em D. Francisco de Souza: «... são prizoens que se não quebram com facilidade...»

## DISCURSO

PROFERIDO NO INSTITUTO DE PROTECCÃO Á INFANCIA

Acredito que aqui estamos sob a impressão de um enteio suave e que nos sentimos maravilhados, porque embora o dia fosse de festa e de prazeres, era mais natural que se pensasse encontrar, neste abrigo de doentinhos pobres, o espectáculo compungente da creança soffredora.

Muito ao contrario disso, surprehendem-nos um alarido de saúde, um estrepito de encanto, um borbulhar de vida em meio daquelles a quem a nossa phantasia sensivel suppoz achar mergulhados em lagrimas e gemidos.

Devemos essa surpresa á misericordia desta casa, que transforma a dôr trunfiso e que faz renascer no espirito confragido das mães desventuradas, uma alvorada de alegrias.

Véem para aqui doentes, saem daqui creanças, e o encanto subtil do verso, talvez nos explique o consolo que nos enleva, porque

Imprevistos de luz na casa onde a creança  
Se nasce ao pobre um filho é mais um sol  
que doura.

E começa assim a se manifestar em todo o seu esplendor quasi celestial a magnificencia desta creação benemerita. Parte daqui a saúde das creancinhas frageis, nasce de novo aqui o sol aquecedor e vívido que illumina de esperanças o lar tristissimo dos pobres.

Vós que tendes filhos e que sabeis como estala de dôr o coração que escuta um gemido de creança, voltei os vossos olhos piedosos para este monumento de Amor que o castigo bemfazejo conseguiu levantar num recanto da terra para nos permitir a illusão benedicta do céu. Voltei e olháe. Alli é o pequenino que mal entrou na vida e que ao emvez dos vossos, a quem a fortuna preparou alcatifados de fitas e rofolhos de rendas para lhes cercar o primeiro somno, ao emvez disso, tem como unico berço uns braços descarnados pela fome, retezados pelo trabalho, alquebrados pela molestia e que aqui vem, este pequenino ser que mal entrou na vida, já perdido o rosado das faces e o avelludado das fórmãs, deixando entrever apenas nos olhos mal fechados uma saudade do céu. Lá, um que tambem está de pouco neste mundo; a saúde lhe sobra, a vida lhe é exuberante, mas no dia em que o instincto o fizera procurar a seiva benedicta, que o robustecia, sentiu que se exgottava a fonte da vida e elle queria viver. Além, outro, já crescidinho, espalhava em torno de si um mundo de mimos e de carinhos; quando a molestia o defórma, quando o desastre o mutila, quando a fatalidade quasi o atira ao numero das coisas inúteis. E outros, e muitos outros. Em toda a parte, a creança que chora, a creança que soffre, a creança que geme, a creança que váe morrer.

Vós que tendes filhos e que sabeis como é soffrega e palpitante a alegria do coração que já ouviu o gemido e que vê então brincar nos labios descorados do doente os primeiros sorrisos da saúde, voltei os vossos olhos piedosos para esta casa de benemerencia, onde vão encontrar o allivio que lhes falta e a vida que lhes foge, uns desventurados que, como os

vossos filhos, também sentem, também sofrem e também choram. Só assim calcularéis o que se faz aqui em beneficio das creanças; e faz-se miraculosamente com o auxilio de todos, com a dedicação de muitos, com os recursos que surgem inesperadamente: a casa é pobre mas a protecção divina é infinita.

Agóra vêde o que seria si fôsse possível fortalecer a obra de beneficencia com os bafejos da fortuna. Um pouco das migalhas dos argentarios, alguma coisa da liberalidade dos dissipadores, um nada tirado á voragem dos que folgam estrepitosamente, e quanta creança robusta, nedia, forte, a bem dizer a esmola que lhe fizeram.

Porque o muito que se faz, o esforço ingente em beneficio da creança enferma e da creança pobre, é ainda quasi nada nesta grande cidade que não cuida dos que precisam. Aqui mesmo, onde a dedicação consegue poupar ao paiz uma porção de vidas, os pobres não tem abrigo. A providencia do Governo, assegurando um teoto aos doentinhos, debate-se num emmaranhado de interpretações. E enquanto se discute a lei, se advinham os textos e se protela a discussão, os pobresinhos morreriam ao desamparo si a lei divina não fôsse immutavel e si o coração humano não fosse generoso.

Empenháe o vosso esforço para que os doentinhos tenham casa. Uma contribuição pequena, modesta, si fôr collectiva, vale por uma fortuna e attestará futuramente a nossa grandeza d'alma nesse templo edificado pela liberalidade de um povo para guardar, como reliquias veneraveis, lagrymas de mães e risos de creanças.

O trabalho será ingente mas a vontade é soberana. Lembremo-nos daquelles que nesta casa se empenham pelas vidas infantis; não lhes bastou este apostolado, o instincto do bem leva-os a repartir entre os infelizes alegrias que elles não tiveram nunca. E eu creio mesmo que mais do que o alimento que sustenta, do remedio que allivia, da roupinha que enfeita, nada toca mais ao coração, nada fala mais vivo ao sentimento do que a avidez de uns olhos buliçosos quando o brinquedo desejado vem em meio da tristeza e em meio da indigencia fulgir como um thesouro inesperado. E desta sorte aqui também se encontra a felicidade.

Mas como a festa é de creanças, eu quero reviver um pouco nossas recordações infantis tão cheias de encantadora suavidade. Qual de vós não conserva viva a noção deste tempo tão curto em que a vida passa brandamente ao affago carinhoso de uma felicidade continua, ao amparo celestial do anjo que nos guarda? Eu, por mim, em fes-

tas como a de hoje sinto-me avassalado pela saudade da minha meninice. E ainda agóra, ao gozar este espectáculo confortador de caridade e de affectos, sinto, como si a ouvisse houtem, na mais tocante reminiscencia, enlevado pela lembrança de uma das mais risonhas lendas que povôam de sonhos roseos os dias felizes dos nossos filhos.

Todos vós a sabeis, de certo. E' a historia daquella creança mendiga, triste, faminta e quasi moribunda. Na mansarda miseravel em que o sol se esquivara de realçar a indigencia aterradoradora, não havia luz e não havia pão. Apenas um coração ali, batendo precipite em commoção materna, testemunhava aquella agonia lenta. O dia inteiro, passava-o a desgraçada a implorar allivio e a mendigar conforto. A sorte lhe fôra cruel e apenas a natureza prodiga emprestava-lhe uns galhosinhos seccos com que aquecer o corpo do filho enregelado.

Já a noite era completa e a escuridão profunda, quando, de subito, a creança abre os olhos e diz: *Eu quero ver Jesus*. Não me recordo mais do que dizia a lenda da angustia inconcebível da pobre mãe, que não tinha podido levar ao filho o soccorro humano e que não se acreditava capaz de conseguir a protecção divina. Apenas me recordo de que quando pela segunda vez se ouviu o mesmo gemido surdo: *Eu quero ver Jesus*, uma luz sobrenatural inundou de subito aquelle tecto lugubre e fez surgir miraculosamente a alegria, a paz, a saúde, a felicidade emfim.

Passou o tempo dos milagres, mas é tão funda a rememoração deste conto tão meigo, que, ao se entrar nesta casa, onde se dá o pão, onde se distribue o conselho, onde se espalha o beneficio, onde se desperdiça a esmola, e até onde se vence a morte, de certo, não haverá quem não supponha que por aqui passou Jesus.

FERNANDO MAGALHÃES.

## CARICATURAS

### UMA CELEBRIDADE

O Pedro do Amaral, aos 15 annos, já estava convenientemente equiparado para a medicina.

«Ser medico, pensava, é ter bellos palacetes, carruagens, vida aristocratica como muitos que por aqui ha; é a melhor das carreiras». E, sem que qualquer vocação o chamasse para as agrúras de tal vida, encaminhou o seu requerimento para o 1º anno de pharmacia por faltar-lhe ainda o latim, que não pôde arranjar, de prompto, pela

exigencia do examitador em 150\$000 réis mensaes de explicações.

No seu requerimento de quatro linhas, o secretario observou tres erros de orthographia e alguns solecismos—«Não venho aqui fazer exame de portuguez—respondeu-lhe altivamente o Amaral.

O 1º anno de pharmacia tinha as suas vantagens, segundo lhe disséra o Pimenta, que, por tres vezes, tentára varar o 1º de medicina, só conseguindo esbarrar no 2º após o expediente da pharmacia, que tem a primeira série commum com a de medicina, e mais frouxa.

Comtudo, o Amaral teve as suas difficuldades. Estréou por uma eliminação em prova pratica de physica, visto ter despejado mercurio metallico na concha da balança, onde ia realizar a pesagem do liquido.

No 2º anno, teve que ir á Bahia mudar de ares; depois, aos traucos, foi arrancando os seus simples, singelos, um, um, um, na nota do porco, como diziam os collegas, que o classificaram de 111. 111 pelos tres 1, nas tres cadeiras das séries, embóra, de vez em quando, o Amaral intercalasse um 0 na sequencia das unidades, e, do quinto anno em deante, augmentasse o numero para 11111. A não ser esse appellido e a introdução de colla com oculos escuros, o Amaral não se salientára na Escola por outros feitos, apezar de ser um representante da Faculdade em todas as manifestações—viagens, bailes, comes e bebes, em que era solicitada a representação da classe.

O dr. Pedro do Amaral, academico de medicina, era um cavador de marca. Coherente com os seus principios, o nosso heróe traduziu mal uma these de Paris, transcreveu as proposições de antigas theses da Faculdade e apresentou o seu trabalho, em que modestamente declarava ser levado pelas exigencias regulamentares. Verdade é que a proposição de chimica lhe era original. «O oxygenio é um gaz.»

A sua defeza de these foi divertidissima porque um dos lentes, velho de fino espirito, limitára-se a notar as incorrecções da apressada traducção, em que *voie du palais* ia como—véo do palacio, a par de outras bellezas no genero.

Approvado plenamente porque era das praxes, teve, comtudo, uma proposta de distincção feita por um dos membros da meza, um bello coração de professor, que nunca reprovára e que então era o idolo dos amaraes.

A ultima colla do homem foi a do grão, saíndo com amplos direitos de dispôr da vida da humanidade.

Dias depois, lá estava nos jornaes : *Dr. Pedro Amaral — Medico Operador e Parteiro — Especialista das vias urina-rias, molestias das senhoras, das cre-anças, pelle e syphilis.* O homem exer-cia todas as especialidades que cur-sára na Escola.

Passados seis mezes, apesar de ter baixado o preço das visitas a 2\$500 para fazer concorrência ao collega da zona, que já cobrava a 5\$000, e de ter sido excluído num concurso de hy-giene, em que tomára um gonococco por bacillo da peste, só conseguira 50\$000 mensaes numa cooperativa de \$500 por cabeça, com medico, phar-macia, dentista, parteira e... enterro. (Essas associações offerecem esta ul-tima garantia aos mutuarios).

Um insuccesso num parto, em que ia sacrificando duas vidas, levou-o, dahi em deante, num rasgo de gene-rosidade, a arriscar só uma existencia de cada vez. O Amaral fez-se homoeo-patha.

\* \*

Na sua visinhança, um doente rico havia cinco dias desesperava com uma febre intensa, delirando, insomne, com martyrisantes dôres no peito e es-carros sanguineos.

Celebridades tinham sido chama-das, mas ninguem fazia melhorar o pa-ciente. A familia, afflicta, apesar dos medicos dizerem tratar-se de uma pneumonia, molestia que tem seu cyclo, desesperou.

— Chamem um homoeopatha si não o homem morre — dizia um empre-gado do Thezouro.

Assim teve o Amaral um chamado de urgencia. Entrou na casa com a calma da inconsciencia, indagou do diagnostico dos collegas, olhou apenas o doente, não o magouou, como obser-vou a senhora do empregado, refe-rindo-se aos processos de persuasão e escuta, exercidos pelos medicos ante-riores.

O Amaral tomou da penna e receitou *lycopodio*, assegurou a quêda da febre e melhora do doente para o dia se-guinte.

Ao sair, dizia comsigo: Ora bólas, si não melhorar, digo que já era tarde; o professor fulano tambem não conse-guiu nada; ora bolas, papava uma de vinte, novinha.

No dia seguinte, marchou para a casa do doente, com a emoção com que, outr'ora, seguia os bedeis na Es-cola, com a pasta das provas escri-pas nos dias dos seus exames.

Discretamente vigiou as immedia-ções a ver si já havia qualquer vehi-culo da empreza funeraria; apenas, es-barrou com um caixeiro de corôas fu-nebres, que vinha, em sentido op-osto, desanimado.

Ao transpôr os degraus da casa, foi uma doce emoção, a sentida; ha-via movimento e alegria, onde ou-tr'ora imperava o silencio, a preoc-upação.

A dona da casa, em lagrimas, beijou-lhe as mãos, dizendo: «Dr., o sr. salvou meu marido.» O Amaral ficou branco de surpresa.

A pneumonia, evoluindo no seu cy-clo, chegára ao sétimo dia, dera-se a crise, facilitada pelos cuidados ante-riores; a febre caíra, viera um somno reparador, melhoraram as dôres.

Aos leigos da familia, esses factos não eram comprehendidos. Ignora-vam o que fôsse cyclo ou crise; o que viram foi o doente melhorar e a febre ceder com o *lycopodio*, quando, dias antes, nem com os banhos cedera, «Banhar um doente com febre, bra-dava d. Engracia, a sogra, horroni-sada.

— Bem que eu dizia — pontificava o escripturario — só a homoeopathia é que cura. Este moço está fadado a grande futuro; modesto, convicto e compe-tente, tem o verdadeiro tino medico.

Mezes depois, de *coupé*, absorvido na leitura de um grosso volume, o dr. Pedro do Amaral, uma celebridade de vóga, dirigia-se para o seu bello pala-cete de Botafogo.

Rio, selembro, 906.

DOUTOR CABANÈS.

## XADREZ

### TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

Devido á molestia grave em pessôa de sua familia, retirou-se do torneio o dr. Theophilo Torres, um dos nossos mais fortes jogadores. O interesse da lucta fica desta maneira ainda mais diminuído. Pôde-se annunciar que os dois premios caberão aos drs. W. B. Hentz e H. Costa, vindo em seguído os drs. Annibal da Costa Pereira, Quintino Bocayuva Junior e Barten Allen.

— O dr. Hentz, que, devido a circum-stancias especiaes, ainda não pôde alcançar, nos torneios anteriores, uma collocação con-digna com o seu merito, parece que conquista-rá desta vez um dos premios, não se lhe podendo garantir o primeiro, porque o dr. Henrique Costa é um concorrente perigoso pela sua calma, tenacidade e conhecimento theorico. No emtanto, neste primeiro turno, o dr. Hentz ganhou deste uma esplendida partida, que hoje publicamos. Esta partida é um modelo de correcção e brilho.

— O resultado actual do 1º turno differe pouco do que publicamos no num. passado.

No proximo num., publicaremos o quadro com o resultado completo deste turno.

\* \*

— Esteve nesta cidade, a negocio parti-cular, o digno 1º secretario do importante Club Internacional de Xadrez de S. Paulo, o sr. José Alves de Araujo.

Deu-nos noticias do grande progresso em que váe a pujante associação enxadris-

tica, que tem actualmente 200 socios e se acha installada magnificamente. Diaria-mente se reúne na sua sede 50 a 60 socios, que tem á sua disposição 20 jogos Staunton.

### INTRODUÇÃO DO XADREZ NA PERSIA

Na Persia reinou um príncipe gentio chamado Nixirauhon, de alcunha de parseo antigo Quissara, e em arabigo Hâdel, que quer dizer justo, por ser homem nesta parte de justiça tão inteiro, que quando ácerca dos parseos querem louvar um homem desta virtude, dizem: *É um Nixirauhon.*

É entre muitas coisas que se delle escrevem é, que querendo fundar uns paços em uma aldeia, por ser lugar gracioso, de muitas aguas, e boa couarca, foi necessario comprar muitas propriedades dos visinhos do logar, entre as quaes havia a casa de uma velha, que por nenhum preço a quiz vender. Dava em resposta a quantos par-tidos lhe el-rei mandava commetter, que elle rei e senhor era da terra, e que bem lhe podia tomar sua casa, mas que por sua von-tade nunca a deixaria; porque como ella era o berço em que se creara, ella liavia de ser o ataúde de sua sepultura, por quanto nella mandava que a enterrassem.

Vendo-se el-rei tão contrariado neste seu appetite daquelle edificio, porque segundo a disposição do sitio e da traça, a casa d'esta velha lhe ficava por embigo das suas, e convinha damnar muitas por salvar a esta: todavia mandou fazer os paços, e que a casa da velha ficasse salva com sua ser-ventia para fóra, de maneira que lhe não fizessem nojo. Os quaes paços, depois que fôram acabados, como eram uma das ma-gnificas e sumptuosas obras daquelle tempo, tinham tanta fama, que qualquer pessôa que vinha á côrte d'el-rei, os havia de ir ver, por estarem perto da cidade, onde elle mais residia.

É acertando dois embaixadores, que eram vindos a elle de outro rei seu visinho, de irem ver esta obra, quando tornaram a el-rei Nixirauhon, louvaram-lhe muito a ma-gestade e a estrutura da obra; e um delles que era philosopho, por fim de todos os lou-vores, disse, que lhe parecia aquella obra uma pedra preciosa, em que a natureza quiz mostrar quão perfeita era; e que o acaso invejoso, e inimigo de toda a perfeição, por macular tão perfeitissima coisa, buscara a mais vil que achou e a poz no meio della; esta fôra a casa d'aquella velha. Que se capantava muito d'elle, por satisfazer a contur-macia d'ella, pôde soffrer aquelle grande defeito em tão perfeita coisa.

Ao que el-rei respondeu: — Que mais se espantava d'elle, sendo homem philosopho, não entender que a casa d'aquella velha era a melhor peça que os paços tinham, e que lhe davam mais lustro e decoro que quanto oiro n'elles estava; porque n'aquella pobre casa se via ser elle justo ás partes, e não sumptuosidade da obra: ficava infamado de vício e prodigo em coisas materiaes como era a inestructura d'elles. Porém por lhe não pa-recer que consentia na vontade da velha por gloria de ser havido por justo, lhe queria dizer a causa que o movera a não a escandalisar; em que veria proceder mais de vicio que de virtude, por ter seu funda-mento em temor da pena.

Então começou a contar, que sendo elle mancebo, indo por uma rua, vira ir deante de si um mancebo travesso, que travava

pelo caminho com todos; o qual vendo estar um cão a uma porta sem lhe ladrar, nem fazer coisa alguma, atirou-lhe com uma pedra; e fez-lhe um arremesso, que foi assim certo e de força, que lhe quebrou uma perna, e passando adiante saltando, e glorizando-se de o cão ficar esganicando-se com a dôr. E indo elle assim neste prazer, foi dar com um homem que ia a cavallo; e parece que o cavallo era malicioso, porque sentindo o outro detraz, que vinha naquelles saltos de prazer, atirou um coice com que lhe quebrou uma perna, e elle ficou doendo-se da sua dôr da maneira que fez o cão. O senhor do cavallo fazendo pouca conta do mancebo ficar assim foi seu caminho, e acertou de estar no meio da rua um buraco de uma cova arrunhada, da qual não se resguardando, metteu o cavallo o pé com que dera o coice e o senhor por se tirar do perigo, deu-lhe rijo das esperas, com que o cavallo por sair caiu para umailharga, ficando-lhe a perna quebrada pela cana.

As quaes coisas n'elle rei fizeram grande espanto, d'onde tirou que os juizes de Deus eram mais profundos do que os homens queriam entender: e que pois eram tão particulares, que desciam aos brutos, que fariam ácerca dos homens, que tem plantada no animo esta lei commum: que não devem fazer o que não queriam que lhes fosse feito? D'onde, quando a velha lhe negou aquella sua casa, però que ella lh'a poderia tomar, temeu muito o juizo de Deus, que alguém podia tomar a sua a elle ou a seus filhos; do qual feito elle philosopho podia crer que aquella justiça que el-rei obrára com a velha fôra mais temor da pena, que amor de virtude.

E como com esta e outras obras de tanta justiça, que este rei fazia em seu tempo, tinha grande fama por toda a Asia, e sobre a virtude natural tinha outra parte adquirida, que era doutrina de letras, por a razão das quaes amava os doutos n'ellas, e concorriam a elle muitos philosophos.

Entre os quaes veiu um chamado Acuz Fárlu, que lhe trouxe o jogo do xadrez, não com tantas peças como nós usamos; somente aquellas que convinham ao numero dos magistrados com que n'aquellas partes se regem as republicas, querendo elle representar n'estas peças o governo de um reino em modo politico. D'onde o jogo ficou em uso, e o tempo foi depois acrescentando e diminuindo peças, esquecendo a theoria, que este philosopho queria plantar no animo d'aquelles que governam.

Em algumas peças de marfim que nós houvemos da India, o rei está sobre um elephante, e o roque a cavallo, e cada uma das peças com a distincção do officio que tem.

Dos parseos passou este jogo aos arabios; os quaes são tão dados a isso, e tão destros n'elle, que andando caminho, de cór, sem haver peças, o vão jogando como se tivessem o taboleiro diante.

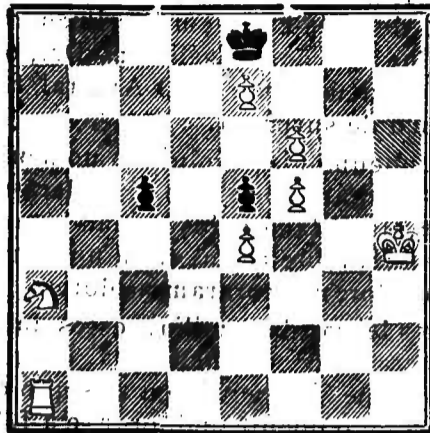
JOÃO DE BARROS.

(Decada II, liv. IV, cap. IV.)

PROBLEMA N. 64

F. Reimann

PRETAS (3)



BRANCAS (7)

Mate em tres lances

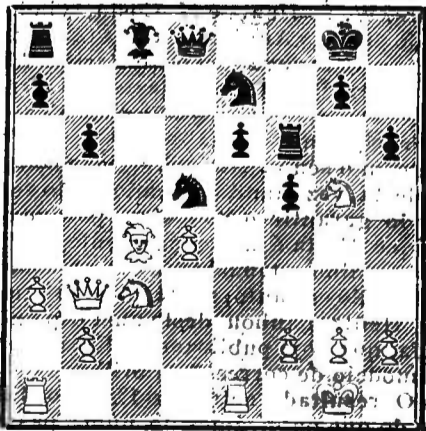
PARTIDA N. 70

(Jogada no torneio do Club dos Diarios em agosto de 1906)

GAMBITO DA DAMA RECUSADO

Brancas	Pretas
(W. B. Hentz)	(Henrique Costa)
P 4 D — 1 —	P 4 D
P 4 B D — 2 —	P 3 R
C 3 B D — 3 —	P 4 B D (a)
P 3 R (b) — 4 —	C 3 B R
C 3 B R — 5 —	C 3 B D
B 3 D — 6 —	P B X P D
P R X P D — 7 —	B 2 R
P 3 T D (c) — 8 —	Roque
B 5 C R — 9 —	F X P (d)
B X P — 10 —	C 4 D (e)
B X B — 11 —	C (3 B) X B
Roque — 12 —	P 4 B R ? (f)
T 1 R (g) — 13 —	T 3 B R
D 3 C D ! (h) — 14 —	P 3 C D
C 5 C R ! — 15 —	P 3 T R (i)

Depois do 15º lance das Pretas



C X P R ! ! (j) — 16 —	B X C !
T X B ! — 17 —	T X T
C X C (k) — 18 —	R 1 T (l)
C 7 B ! (m) — 19 —	T 3 C R (n)
C X T — 20 —	D X C (o)
P 5 D ! — 21 —	D 1 B D
T 1 R — 22 —	D 1 D (p)
D 3 R — 23 —	T 5 C (q)
P 4 B R ! — 24 —	C 3 C

D 8 R x — 25 — D X D  
T X D x — 26 — R 2 T  
P 6 D — 27 — abandonam (r)

(a) Diz Alapin que é grande a divergencia de opiniões sobre o modo de julgar esta defeza, mas que não obstante ella a considera superior a C 3 B R. E Fleischmann opina ser este o cantinho mais curto para obter a egualdade.

No torneio de Ostende do anno passado puzeram em duvida o merito deste lance e Burn, mestre inglez, pronunciou-se egualmente por elle, adoptando uma nova linha de ataque para as Brancas.

(b) É mais usual 4 — P B X P, mas Janowski considera o lance do texto egualmente forte.

(c) Realmente o C D a 5 D seria bem incommodo.

(d) As Pretas receberam de certo as commplicações que resultariam da troca de piões depois de perdido o C R.

(e) Bom lance ao mesmo tempo aggressivo e defensivo.

(f) Desastradissimo e seguramente fatal contra um jogador forte como o dr. Hentz.

(g) Começando o ataque ao ponto fraco.

(h) Início de uma bellissima combinação.

(i) O dr. Costa não percebe os intuitos do seu adversario e pensa com este lance afugentar o seu C. Foi um erro. Deveria ter jogado 15... D 3 D.

(j) Esplendido e rigorosamente correcto! Não é para qualquer calcular todos estes lances e ainda os 4 seguintes, com essa exactidão. O pião está ganho e a partida das Pretas perdida.

(l) Melhor. Si 18... C X C, as Pretas perdem a qualidade.

(m) Fecho de ouro da combinação. As Brancas recobram a qualidade que haviam sacrificado.

(n) 19... T 3 D seria mais forte, porque assim começaria logo o ataque ao perigosissimo P D adverso. Com o lance do texto, as Pretas armam uma cilada, em que as Brancas não caíram, como se verá.

(a) Ameaçando mate.

(b) 22... D 2 D seria incomparavelmente mais capaz de oferecer resistencia. Tambem havia 22... D 4 B D, dando logar a curiosas variantes, por exemplo: 22... D 4 B D; 23 — D 3 D, P 4 C D; 24 — B X P, C X P; 25 — T 8 R x, R 2 T; D X P, D X B; 27 — T 6 R e ganham.

(g) 23... C X P daria em resultado a perda do C por 24 — D 8 R x, etc.

(r) Não é possivel impedir que o pião vá á Dama.

Toda a partida foi jogada pelas Brancas em excellentè estylo de mestre.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 63 (Com. Murtil): 1 — D 8 T D, R 3 C (a, b); 2 — D 4 R x, R joga; 3 — D X P T mate.

(a) 1... R X P; 2 — T X P C x, R 5 D; 3 — D 5 D mate.

(b) 1... P 3 T R; 2 — D 5 D, R 3 C; 3 — D 7 B R mate.

José GARCIA.